

**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
HISTÓRIA**

RENATA RODRIGUES DE FREITAS

**MEMES, CIBERCULTURA E ENSINO DE HISTÓRIA: o
ensino remoto online no “*aprenderensinar*” da pandemia**

Rio de Janeiro
2022

RENATA RODRIGUES DE FREITAS

**MEMES, CIBERCULTURA E ENSINO DE HISTÓRIA: o ensino remoto online no
“aprenderensinar” da pandemia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História.

Orientador(a): Prof. Dr. Leandro Clímaco

Rio de Janeiro

2022

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

F866 Freitas, Renata Rodrigues de
Memes, cibercultura e ensino de história: o ensino remoto online no
“aprenderensinar” da pandemia / Renata Rodrigues de Freitas. - Rio de
Janeiro, 2024.

71 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de
História) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa,
Extensão e Cultura.

Orientador: Leandro Climaco Almeida de Melo Mendonça.

1. História - Estudo e ensino. 2. Memes. 3. Cibercultura. 4. Internet
na educação. 5. Sequência didática. I. Mendonça, Leandro Climaco
Almeida de Melo. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 907

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

RENATA RODRIGUES DE FREITAS

MEMES, CIBERCULTURA E ENSINO DE HISTÓRIA: o ensino remoto online no “aprenderensinar” da pandemia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História.

Aprovado em 25 de novembro de 2022.

Prof. Dr. Leandro Climaco Almeida de Melo Mendonça - Colégio Pedro II
(Orientador)

Prof. Dr. Wolney Vianna Malafaia – Colégio Pedro II (Membro Interno)

Prof. Dr. Pedro Krause – Colégio Pedro II (Membro externo)

Prof. Dr. Júlio César Paixão Santos – Colégio Pedro II (Suplente Interno)

Leonardo Seiichi Sasada Sato – Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP)
(Suplente Externo)

Rio de Janeiro

2022

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e ao meu irmão que são três grandes riquezas na minha vida e sempre acreditaram em mim.

Ao meu querido orientador e professor, pelos ótimos debates, pelos ensinamentos e por ser uma pessoa tão humana e compreensiva comigo!

A grande amiga que fiz, Raíssa, que ouviu minhas lamúrias e me deu seu ombro virtual, durante a pandemia.

Aos professores do Colégio Pedro II (em especial ao meu amigo e orientador Leandro Clímaco), que foram dedicados e atenciosos e que com certeza deram o seu melhor em um momento tão delicado.

A todos os professores que me ajudaram e me incentivaram no decorrer da minha formação.

Agradeço a todas as forças do bem que me deram bom senso e **resistência** para produzir um trabalho em meio a pandemia e suportar um momento político tão delicado...

Ao meu amigo eterno, Dhiego Mapa, que infelizmente nos deixou devido a pandemia, mas que estará sempre no meu coração: Te dedico este trabalho, meu querido! Como você disse: "Somos mestres Jedi, Xuxu".



(Futuro Passado Aulas, 2020)

RESUMO

FREITAS, Renata Rodrigues de. **Memes, Cibercultura e Ensino de História: o ensino remoto online no “*aprenderensinar*” da pandemia.** 2022. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2022.

Os memes são um fenômeno da Cibercultura, cultura contemporânea mediada pelas tecnologias digitais em rede e que potencializa os processos de ensino e aprendizagem e que apresentam possibilidades didáticas para o Ensino de História. Com o objetivo de refletir acerca do *aprenderensinar* a disciplina História por meio dos memes, nossa pesquisa tem como metodologia a *Ciberpesquisa-formação*, pois a partir de uma perspectiva *multirreferencial*, nosso trabalho foi realizado remotamente no decorrer da pandemia em 2020, considerando o cotidiano escolar da Educação Básica em duas instituições de ensino da periferia do Rio de Janeiro. A partir de uma perspectiva cotidianista, analisamos e construímos os memes coletivamente, incentivando a autonomia e a criticidade dos estudantes, utilizando as tecnologia digitais e mergulhando no ciberespaço, onde os memes sobre diversos assuntos e temporalidades são compartilhados e “viralizam” diariamente. Por fim, oferecemos propostas de sequências didáticas que deem conta da junção dos conceitos propostos e que sirva de reflexão e estímulo para futuros trabalhos e práticas docentes com o uso de memes.

Palavras-chave: meme; cibercultura; Ensino de História.

ABSTRACT

FREITAS, Renata Rodrigues de. **Memes, Cibercultura e Ensino de História: o ensino remoto online no “aprenderensinar” da pandemia.** 2022. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2022.

Memes are a characteristic of Cyberculture, a contemporary culture mediated by networked digital technologies that enhances teaching and learning processes and offers didactic possibilities for History Education. Aiming to reflect on learning and teaching History through memes, our research uses Cyberresearch-training as its methodology. Based on a multi-referential perspective, our work was conducted remotely during the 2020 pandemic, considering the daily routine of Basic Education students at two educational institutions in the outskirts of Rio de Janeiro. From an everyday perspective, we analyzed and collectively constructed memes, encouraging students' autonomy and critical thinking, using digital technology and immersing ourselves in cyberspace, where memes on various topics and timelines are shared and go viral daily. Finally, we offer proposed didactic sequences that consider the specificity of the proposed concepts and that serve as reflection and stimulus for future work and teaching practices involving the use of memes.

Keywords: memes; cibercultura; History Teaching.

LISTA DE IMAGENS E MEMES

| | |
|---------------|----|
| Meme 1..... | 22 |
| Meme 2..... | 22 |
| Meme 3..... | 23 |
| Meme 4..... | 24 |
| Meme 5..... | 24 |
| Meme 6..... | 28 |
| Meme 7..... | 34 |
| Meme 8..... | 34 |
| Imagem 1..... | 44 |
| Imagem 2..... | 44 |
| Imagem 3..... | 46 |
| Imagem 4..... | 47 |
| Meme 9..... | 52 |
| Meme 10..... | 52 |
| Meme 11..... | 53 |
| Imagem 5..... | 55 |
| Imagem 6..... | 55 |
| Meme 12..... | 57 |
| Meme 13..... | 57 |
| Meme 14..... | 57 |
| Meme 15..... | 57 |
| Imagem 7..... | 59 |
| Meme 16..... | 61 |
| Meme 17..... | 61 |
| Imagem 8..... | 62 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--------------------------------------|----|
| Gráfico 1 | 28 |
| Gráfico 2 | 29 |
| Gráfico 3 | 30 |
| Gráfico 4 | 31 |
| Gráfico 5 | |
| Erro! Indicador não definido. | |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO – O CONTEXTO PANDÊMICO E OS TEMPOS DE RESISTÊNCIA..... | 15 |
| 2. O QUE SÃO MEMES? | 20 |
| 2.1 A natureza política, econômica e social do meio digital..... | 25 |
| 2.2 Os memes como fenômeno da cibercultura..... | 28 |
| 3. MEMES E ENSINO DE HISTÓRIA: ESPAÇOS DE EXPERIÊNCIA E HORIZONTES DE EXPECTATIVA..... | 36 |
| 3.1 Ciberpesquisa-formação e a experiência memética no “ <i>aprenderensinar</i> ” na pandemia..... | 40 |
| 3.2 A Educação foi ressignificada na pandemia? | 41 |
| 3.3 Os discentes do Ensino Médio da Rede Estadual e privada aprenderam no ano de 2020?..... | 42 |
| 3.3.1 O caso do Colégio Estadual | 42 |
| 3.3.2 Uma pergunta puxa outra | 44 |
| 3.3.3 O caso da Escola Privada | 45 |
| 4. SEQUÊNCIA DIDÁTICA..... | 48 |
| 4.1 Os memes e o Ensino de História como um lugar de fronteira | 48 |
| 4.2 Planos de aula..... | 50 |
| 4.2.1 Aula 1..... | 50 |
| 4.2.2 Aula 2..... | 52 |
| 4.2.3 Resultado das Atividades | 54 |
| 4.2.4 Aula 01 | 56 |
| 4.2.5 Aula 02..... | 58 |
| 4.2.6 Resultado das atividades no Colégio Estadual..... | 60 |
| 4.2.7 O Mural “Tropa da História” | 62 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 63 |
| REFERÊNCIAS | 66 |

1 INTRODUÇÃO: O CONTEXTO PANDÊMICO E OS TEMPOS DE RESISTÊNCIA

*Sei que nada será como está
Amanhã ou depois de amanhã
Resistindo na boca da noite um gosto de sol*

Milton Nascimento, (1972)

Em tempos difíceis precisamos resistir e a canção Nada Será Como Antes, presente no álbum Clube da Esquina, é uma das muitas produções musicais que simbolizaram um movimento de resistência ao regime político da época. Tais versos se tornaram adequados à situação da educação no Brasil no ano de 2020 quando, decretada pela Organização Mundial de Saúde no dia 11 de março¹, a pandemia da Covid -19 nos impôs um distanciamento físico que trouxe mudanças e a educação no Brasil, em caráter extraordinário, migrou para a forma remota online.

Os docentes, tanto da esfera privada como os da rede pública do estado do Rio de Janeiro, trabalharam por meio das plataformas privadas, tais como o *Google Classroom* e *Google Meet*, como uma forma de dar continuidade ao ensino, ainda que nem todos os alunos tivessem dispositivos e acesso à internet e a outros dispositivos. Nesse momento de mudanças, não posso deixar de registrar o receio de parte do professorado de ser censurado durante as aulas online com relação a alguns temas sensíveis trabalhados e ligados à ciência, religião, racismo, marxismo, movimentos sociais, dentre outros que foram taxados por setores/movimentos sociais de “mimimi”² durante as aulas. Muitos professores foram perseguidos, censurados e cerceados politicamente durante as aulas remotas online, como a autora deste trabalho, que ao debater sobre a Revolta da Vacina com os alunos, comentou sobre a importância de um Estado que apoie a vacinação e por isso foi acusada de “doutrinação política”.

Diante dessa fragilização da democracia, e a ascensão de um projeto de poder conservador para disputar espaço no campo da educação, atuando no ciberespaço, assistimos à tentativa de desmonte do Ensino Médio – através de grupos políticos conservadores e projetos que visam abolir a obrigatoriedade do ensino de História –

¹ Neste contexto, o Ministério da Educação (MEC), no dia 17 de março de 2020, publicou a Portaria nº 343, a qual “dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo coronavírus - COVID-19” (BRASIL, 2020).

² *Mimimi* é uma expressão que imita um choro, ladainha ou lamúria usada na comunicação informal para descrever ou imitar uma pessoa que reclama.

e ao surgimento de propostas acríicas como o projeto Escola Sem Partido³ (GOMES, 2021) que visa restringir a autonomia das humanidades. Dessa forma, tínhamos a censura e a morte pela Covid-19, mas precisávamos criar estratégias de ensino para continuarmos caminhando, resistindo e realizando o nosso trabalho em espaços viáveis a construção do conhecimento.

O fim da pandemia ainda não aconteceu, porém, a vacina, disponibilizada a partir de março de 2021, tem se mostrado eficaz no combate à Covid-19. Na rede estadual onde leciono, por exemplo, passamos da educação remota online⁴ de 2020⁵ para a híbrida em 2021 com atividades online e presencial, com grupos alternados, ao passo que no ano de 2022 a educação vem acontecendo no modo presencial. Porém, invariavelmente o debate sobre a educação remota online é retomado com a seguinte pergunta: as alunas e alunos da rede estadual aprenderam ao longo do ano de 2020? De que forma as redes de ensino contribuíram para o desenvolvimento do Ensino de História Remoto online? Quais artefatos midiáticos foram utilizados nesse processo de *conhecimentosignificação*? (SANTOS, 2019)

São questões complexas a serem respondidas, e este trabalho não tem a pretensão de esgotá-las, no entanto, tais desafios orientaram e permearam o nosso trabalho ao longo do ano de 2020, período no qual foi desenvolvido, a partir dos diálogos, experiências e debates com os alunos, a produção de memes envolvendo conteúdos históricos. Os alunos envolvidos no projeto eram da Segunda Série do

³ Após a eleição de Jair Bolsonaro (PSL-RJ) para a presidência da República, deputados alinhados à extrema-direita prepararam o avanço da discussão do Projeto de Lei 7180/2014, que institui a chamada "Escola sem Partido", em comissão especial na Câmara dos Deputados. É nesse ambiente político e social que o projeto Escola sem Partido deve ser compreendido, ou seja, como tentativa de silenciar o pluralismo de ideias no interior da escola, impondo uma determinada visão de mundo. Esta aversão ao pluralismo de ideias funda-se no pressuposto de que há um conjunto de verdades que se impõem por si mesmas, vale dizer, são "imparciais", "naturais"; qualquer posição que as afronte é entendida como "contaminação" das mentes".

⁴ "O ensino remoto emergencial foi implantado com aval das diretrizes do MEC. Esta modalidade de ensino diferencia-se do Ensino a Distância (EAD) pelo fato de que no Ensino Remoto o aluno tem um acompanhamento do professor de forma síncrona, ou seja, docente e discentes conseguem através de meios digitais a interação necessária para aplicação da aula no horário das aulas presenciais. Além disso, o aluno possui um feedback instantâneo do professor da disciplina em tempo real, na maioria dos recursos digitais utilizados o professor consegue reproduzir a tela do notebook e variados arquivos de mídia, sejam powerpoint ou vídeos". Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/epeduc/article/view/11176> (FERNANDES; ISIDORIO; MOREIRA, 2020). Acesso em: 13/11/2021.

⁵ Medida Provisória nº 934, no dia 1º de abril de 2020 (BRASIL, 2020b) a qual "Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública". Em complemento a estas publicações, no dia 28 de maio, o presidente da mesa do Congresso Nacional, através do Ato nº42/2020 (BRASIL, 2020c) prorrogou a suspensão das aulas por mais 60 dias, fazendo com que as aulas fossem suspensas até julho de 2020.

Ensino Médio de duas escolas localizadas no município do Rio de Janeiro: Uma escola privada, localizada no bairro de Pilares, na Zona Norte do Rio de Janeiro; e um colégio da rede estadual de ensino, localizado no bairro de Padre Miguel, Zona Oeste do Rio de Janeiro.

O ato de educar e tecer redes de conhecimento com os alunos e estabelecer relações sempre foi uma tarefa desafiadora, mas neste cenário pandêmico, os desafios dos professores aumentaram consideravelmente. Muitas foram as *lives* e os cursos de formação oferecidos remotamente online pela SEEDUC⁶, por exemplo, com o intuito de “capacitar” em pouquíssimo tempo os docentes quanto ao uso de aplicativos e plataformas online para a realização das aulas e atividades com os alunos. Tivemos que nos adaptar rapidamente, e tal fato não ocorreu sem dificuldades e gastos excessivos. Segundo Casatti, a transição do ensino presencial para aulas remotas exige planejamento, já não é viável o uso das mesmas metodologias para diferentes modalidades de ensino e:

(...) a situação inesperada que levou à interrupção abrupta das aulas presenciais demandou das instituições de ensino tomadas de decisões rápidas, sem a realização de etapas fundamentais para que as iniciativas de educação fossem bem-sucedidas. Essas etapas se referem a planejamento, capacitação de todos os envolvidos, preparação da infraestrutura tecnológica (hardware e software), automatização de atividades administrativas, preparação do sistema para coleta de dados, reformulação de currículos, além do fomento à inclusão e à equidade (CASATTI, *local*, 2020).

Sabemos que a tecnologia e a internet são realidades presentes o tempo inteiro no cotidiano de todos, e seu uso durante a pandemia fez-se necessário mais do que o normal. É evidente que não havia outra saída que não a adoção do Ensino remoto, porém a não adoção de políticas públicas que adotassem os estudantes do acesso aos meios necessários é passível de crítica já que o governo federal vetou a lei aprovada no Congresso que obrigava o governo a investir na expansão do acesso à internet pelos estudantes da rede pública. Diante de uma realidade marcada pela desigualdade no que tange ao uso da internet, a decisão por parte do governo federal

⁶ O curso *Ferramentas Digitais na Educação*, foi oferecido em 2020, em parceria com a Seeduc na plataforma *capacitarede*.

em é, sem dúvida, um processo de exclusão aos alunos que não possuem acesso à internet⁷.

Nestes termos, é possível perceber que a escola ganha mais um desafio: atualizar suas práticas tendo em vista todos esses movimentos, entendendo que agora é preciso apropriar-se dessas novas linguagens. Os memes, muitos deles consumidos e criados pelos próprios alunos, podem ser uma boa estratégia para a sala de aula, já que mesclam diferentes temporalidades e referências; passam por um constante processo de atualização e dialogam com o seu cotidiano. Afinal, 90% dos alunos possuem celular e apps de redes sociais. Dessa forma, eles têm contato com diversos memes que surgem nos feeds de suas páginas como Facebook e Instagram e, sendo assim, por que não usar os memes como um agente facilitador do dia a dia do aluno e do professor com a disciplina História?

O intuito é fazer não apenas um relato de experiência docente em cada instituição de ensino onde leciono, mas refletir acerca das diferentes possibilidades do *aprenderensinar*⁸ a disciplina História, considerando o ano de 2020 desafiador para docentes e discentes. Para pensarmos nas formas de *aprenderensinar*, a pesquisa foi desenvolvida considerando a metodologia da Ciberpesquisa-formação (SANTOS, 2019) com a bricolagem das epistemologias cotidianista (ALVES, 2001) e multirreferencial (BARBOSA; MACEDO, 2012), escolhas que fizemos a partir da premissa de que a Educação, a Cultura e a Comunicação podem potencializar práticas docentes em redes educativas no contexto formal/informal da universidade e da escola básica contribuindo para a formação de professores na atual fase da cibercultura.

Como a abordagem teórico-metodológica também dialoga com a perspectiva do Ensino de História e Historiografia, a pesquisa focaliza os saberes e as práticas pedagógicas, assim como os diferentes usos do passado presentes não somente nos

⁷ Conforme demonstra a Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros - - TIC Domicílios 2018: a região Nordeste apresentou os índices mais baixos de acesso à internet, totalizando 60,2% dos domicílios. O maior índice está na região Sudeste, com o total de 73% de domicílios com acesso à internet. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/epeduc/article/view/11176>. Acesso em: 01/10/2021

⁸ Aqui, a palavra *aprenderensinar* pode ser percebida claramente como uma junção dos processos essenciais de construção do conhecimento: aprender e ensinar. Dessa forma, o conceito é importante pois remete a “novas práticas de *aprenderensinar* em rede que potencializam a formação por meio do diálogo, a autoria coletiva e a partilha de sentidos em múltiplas linguagens e mídias. Essas formas de aprender e relacionar-se com os outros, nos inspiram a repensar a educação em tempos de cibercultura, e nos dão fundamentos e metodologias para uma Educação Online.”. Disponível em: <https://ieducacao.ceie-br.org/educacaoonline/>. Acesso em: 07/02/2020.

livros didáticos, mas no ciberespaço⁹, “um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis [...] mundo virtual da comunicação informática, um universo etéreo que se expande indefinidamente”, graças à produção dos próprios usuários deste “local” (SANTAELLA, 2011). Para Gadotti, “o ciberespaço rompeu com a ideia de tempo próprio para a aprendizagem[...] o tempo de aprender é hoje e sempre.” (GADOTTI, 2000, p.8). Sendo assim, a temática do projeto torna-se relevante na medida em que reflete sobre as novas tecnologias que fazem parte do cotidiano de docentes e estudantes, modificando e ampliando as maneiras de aprender e ensinar.

Assim, a partir das leituras de textos que problematizam o Ensino de História, bem como as experiências da prática docente, tornou-se necessário repensar o “meu fazer histórico” em sala de aula e elaborar um trabalho que tentasse dar conta dos memes como um artefato didático em constante desenvolvimento vinculado a espaços de experiências e horizontes de expectativa (KOSELLECK, 2006). Tais narrativas foram utilizadas nas aulas expositivas de forma remota online, através da mediação do professor para compreensão dos acontecimentos passados que refletem no presente através da transposição dos conteúdos de um “saber acadêmico para um saber ensinado” (MONTEIRO, 2019), criando assim um “instrumento de inteligibilidade” que possibilita a compreensão pelos alunos.

⁹ Segundo Santaella, o ciberespaço é “um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis”. Um mundo virtual da comunicação informática, um universo etéreo que se expande indefinidamente”, graças à produção dos próprios usuários deste “local”.

2. O QUE SÃO MEMES?

Os memes estão presentes no ciberespaço e em nosso cotidiano, possuindo diversas formas: as hashtags, textos e imagens que trazem uma série de referências de um campo do conhecimento ou de um fato contemporâneo qualquer compartilhado. Sendo um neologismo, o termo *meme* possui historicidade e um campo de estudos em formação. Mas o que vem a ser um meme? Como surgiu esse conceito? Embora o tema dessa pesquisa seja algo recente nas discussões no âmbito acadêmico, o conceito de meme vem sendo debatido há algum tempo.

Originalmente o termo Meme foi utilizado em 1976 pelo britânico Richard Dawkins, que associou seu conceito à biologia, comparando a capacidade de replicação do meme ao gene. Segundo ele, um meme é uma ideia, compartilhamento ou estilo que apresenta a capacidade de “viralizar”, sendo transmitido de pessoa para pessoa dentro de uma cultura. O meme seria “o ‘gene’ da cultura”. e tomando isto como base:

[...]praticamente tudo o que conhecemos no nosso ambiente cultural são memes. Dos *jeans* rasgados à tradição de cantarolar “Parabéns a você” nas festinhas de aniversário. É claro que há uma série de críticas a esta visão, mas se queremos entender o que é um meme hoje, precisamos, antes de mais nada, compreender que os conceitos também são atualizados, ressignificados e subvertidos¹⁰ (HENRIQUES, 2007, p. 7).

Com o aperfeiçoamento das tecnologias, o meme funciona como uma unidade para transporte de ideias ou símbolos culturais que podem ser transmitidos e multiplicados através da internet. (ANDRADE, 2018). Dessa forma, faz-se necessário uma breve discussão sobre a evolução e reapropriações do termo. Segundo Blackmore, os memes não devem ser vistos somente como ideias, como sugere Dawkins, mas também como comportamentos captados por meio de um longo processo de imitação social a que estamos todos sujeitos. Dessa forma, a autora parte de uma visão determinista de que o meme viraliza e de que todos somos nada mais do que “hospedeiros” ou “máquinas de memes”. Tal visão desconsidera as escolhas humanas bem como o gerenciamento que cada indivíduo faz acerca de suas ações.

A partir da evolução das tecnologias de comunicação ocorridas principalmente entre as décadas de 1990 – 2000, o meme passou por um processo de

¹⁰ <https://museudememes.com.br/o-que-sao-memes>

ressignificação. Com o advento da Web 2.0¹¹ (DANTAS, 2022) bem como a ampliação da internet banda larga, ocorre uma transformação na relação entre indivíduo e o ambiente virtual. Se antes não havia muita interação e intervenção por parte do usuário, com a formação de fóruns de discussão e redes sociais, com o Facebook e o Instagram tem-se a formação de redes socioculturais e de uma estrutura cada vez mais propícia para a propagação dos memes, onde qualquer pessoa se torna um gerador e/ou difusor de memes a partir das disponibilidades no ciberespaço de editores de vídeo, áudio e imagem (GABRIEL, 2012). Segundo Rosemary Santos, um novo cenário é construído onde os praticantes culturais desenvolvem suas autorias memeais:

Com a Web 2.0, passamos a ter sites publicados e editados pelos próprios usuários da rede. [...] Com a apropriação da rede por grupos-sujeitos (mercado, mídia clássica e principalmente nativos digitais) criativos e antenados com a lógica da interatividade e da colaboração, novas e surpreendentes soluções informáticas foram criadas no contexto em que também fizeram emergir novas atitudes mais engajadas com a autoria e coautoria de sentidos, significados e significantes (SANTOS, 2019, p.-33).

Dessa forma, os memes ganham espaço e se tornam, segundo a autora Limor Shifman, um novo gênero midiático. Recuperando, de certa forma, o argumento de Dawkins de que os memes atuam conjuntamente, formando cadeias complexas (ou “memeplexos”), a autora não considera um meme como um conteúdo ou uma peça exclusiva já que “os memes não são conteúdos individuais e isolados, mas complexos informacionais que só encontram significado em conjunto”. A autora também ressalta uma diferenciação importante entre um viral e um meme. O viral é um conteúdo produzido que viraliza sem sofrer alterações, como o famoso ‘gemidão do whatsapp’, por exemplo. Já um meme passa por releituras e reapropriações, se espalhando como um comportamento imitado. O viral tem fidelidade de cópia e o meme não, conforme os exemplos de memes¹² abaixo.

Meme 1

¹¹ Web 2.0 é um termo popularizado a partir de 2004 pela empresa americana O'Reilly Media para designar uma segunda geração de comunidades e serviços, tendo como conceito a "Web enquanto plataforma", envolvendo wikis, aplicativos baseados em folksonomia, redes sociais, blogs e Tecnologia da Informação.

¹² Os links completos de onde podem ser encontrados os memes selecionados encontram-se ao final deste trabalho em “Referências dos Memes”.



Fonte: História No Paint, ano

Meme 2



Fonte: História No Paint, 2021

O meme enquanto gênero midiático, fenômeno da Cibercultura, apresenta produções em diversos formatos: imagens, hashtags, vídeos, emoticons, gifs e outros. Acima temos o exemplo mais famoso de meme conhecido como *memes macro* que consiste basicamente em uma imagem com uma legenda sobreposta. Sua variação é bastante ampla, podendo ser adicionado a uma mesma imagem vários textos ou um mesmo texto para imagens diversas. A difusão e repercussão desse tipo de meme deve-se não somente a carga de humor oriunda, muitas vezes, de erros de sintaxe propositais com o objetivo de gerar humor, como também da profusão de aplicativos e sites geradores de memes, como o Meme Generator que facilitam a produção de memes sem a necessidade do uso de programas mais sofisticados, como o Photoshop.

A autora Limor Shifman apresenta ainda três tipologias de memes: os memes persuasivos, os memes de ação popular e os memes de discussão pública. Os memes persuasivos são criados propositalmente com o objetivo de movimentar/articular apoio a alguma situação. Uma página do Facebook que concentra esse tipo de meme é a

do Chapolin Sincero (OLIVEIRA, PORTO, ALVES, 2018) que concentra uma infinidade de memes, com imagens sobrepostas do personagem Chapolin acompanhadas de frases em tom crítico, conforme podemos ver na figura abaixo:

Meme 3



Fonte: #Museudosmemes, 2021

Já os memes de discussão pública se caracterizam por conterem um tom humorístico fazendo referência a algum fato específico, criticando ou evidenciando determinados comportamentos ou ações, especialmente de políticos e celebridades, que são veiculados amplamente nas diversas redes sociais. Um exemplo de meme de discussão pública é o que faz referência ao ex-presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha¹³, que decidiu aceitar o pedido de impeachment¹⁴ da ex-presidente Dilma Rousseff, conforme a imagem a seguir:

¹³ **Eduardo Cosentino da Cunha** (Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1958) é um economista, radialista e político brasileiro, filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Foi presidente desta Casa de 1º de fevereiro de 2015 até renunciar ao cargo em 7 de julho de 2016, época em que ficou conhecido por ser um dos protagonistas da crise política de 2014 e por ter instaurado e conduzido o processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_Cunha. Acesso em: 22/05/2021.

¹⁴ O *impeachment de Dilma Rousseff* consistiu em um processo iniciado com vistas ao impedimento da continuidade do mandato de Dilma Rousseff como presidente da República Federativa do Brasil.^[1] O processo iniciou-se com a aceitação, em 2 de dezembro de 2015, pelo presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, de uma denúncia por crime de responsabilidade oferecida em 15 de outubro de 2015 pelo procurador de justiça aposentado Hélio Bicudo e pelos advogados Miguel Reale

Meme 4



Fonte: Gerarmemes, 2020

Por fim, os memes de ação popular são os que se caracterizam por uma ação coletiva. Entende-se por memes de ação coletiva os que são feitos por: “grupos que se apropriam de um mesmo meme em uma ação coletiva na rede, seja na política ou em qualquer processo de engajamento coletivo nas redes sociais, via imagens[...] mensagens” (SHIFMAN, 2014). O fenômeno político “vomitação”¹⁵ é um exemplo desse tipo de meme que vai além do humor, demonstrando o engajamento de ações coletivas, conforme a figura abaixo:

Meme 5



Fonte: Gerarmemes,2020

Júnior e Janaina Paschoal e se encerrou no dia 31 de agosto de 2016, resultando na cassação do mandato de Dilma.

¹⁵ O fenômeno ‘Vomitação’ surge como meme de ação coletiva, em 2016, com o impeachment da presidente Dilma Rousseff e a posse do vice-presidente Michel Temer. O engajamento coletivo de militantes contrários ao processo desencadeou uma ação de uso grupal do emoticon que simboliza um vômito verde, em todas as postagens oficiais do novo Presidente e de páginas do seu partido político, o Movimento Democrático Brasileiro – MDB no Facebook, protestando e repudiando com o emoticon, que supostamente representa nojo, aversão. A partir disso, a produção de memes e a replicação de conteúdos não se restringiu ao uso do emoticon, como mostra Meme 5.

O campo de estudos sobre os memes é recente, mas vem crescendo e hoje é possível encontrar trabalhos acadêmicos nas mais diversas áreas. O #MuseudeMemes é um projeto que envolve pesquisadores e estudantes do Laboratório de Pesquisa em Comunicação, Culturas Políticas e Economia da Colaboração (coLAB), vinculado à Universidade Federal Fluminense. O #MUSEU tem a expectativa de apresentar ao grande público um conjunto de pesquisas sobre o tema, oferecendo oficinas e seminários acadêmicos e desenvolvendo projetos de inovação tecnológica.

Os memes enquanto objeto de estudo vão para além de uma imagem que se replica na internet e que gera apenas humor. Eles possuem narrativas, temporalidades e são construídos pelos praticantes culturais em rede, por meio de artefatos digitais. Tal construção cotidiana faz os memes serem um fenômeno da Cibercultura, que é a cultura contemporânea mediada pelas tecnologias digitais em rede e que potencializa os processos de ensino e aprendizagem.

2.1 A natureza política, econômica e social do meio digital

Conceber humanidade e tecnologia como polaridade é desejar afastar a humanidade: nós somos animais sociotécnicos, e cada interação humana é sociotécnica.

(Bruno Latour, 1994)

Antes de falarmos dos memes como um fenômeno da Cibercultura, faz-se necessário um pequeno debate sobre a importância do ensino em rede bem como a natureza política, econômica e social do meio digital, pois a maioria dos memes que foram analisados em conjunto com os alunos foram retirados das redes sociais.

As redes sociais, ou seja, o meio onde esses memes são criados, produzidos e compartilhados devem ser analisadas, considerando o alcance e o poder de empresas que detém o monopólio dos meios de comunicação. É inegável o alcance do poder dessas empresas digitais e a forma que nos comunicamos bem como a política, o social e o econômico são afetados por essa realidade. Em uma entrevista publicada na revista Época, Evgeny Morozov (2011), um dos mais novos críticos da internet e pesquisador do mundo digital, quando questionado sobre projetos de

inclusão como projetos como o Loon, do Google, e o Internet.org, do Facebook, faz a seguinte afirmativa,

Evgeny Morozov –Não compro a ideia de que empresas privadas devam ser responsáveis por grandes projetos de desenvolvimento de países. Estou partindo do princípio de que conectar cidadãos e Estados por meio de uma rede virtual é um dos projetos de infraestrutura mais importantes do mundo. Você entregaria a autoridade monetária de um país a Wall Street? Acredito que não. Então também não deveria entregar suas informações e sua soberania tecnológica a empresas do Vale do Silício. Outro aspecto, mais especificamente relacionado ao Internet.org, é que as pessoas passarão a frequentar apenas os sites parceiros do Facebook, pois eles serão de graça – o restante da internet será paga. Por último, o Internet.org faz com que novos serviços digitais sejam obrigados a se conectar ao Facebook para conseguir competir. Isso pode inibir o surgimento de negócios de internet promissores (*um rival do Facebook, por exemplo*) além de aumentar ainda mais o poder do império de Mark Zuckerberg (Morozov, 2011).¹⁶

Em sua obra, *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*, Morozov faz uma reflexão sobre a confiança depositada nas grandes empresas detentoras da tecnologia e levanta a seguinte questão: Devemos confiar nas promessas do Vale do Silício para resolver problemas históricos e estruturais da humanidade? Sua crítica é direcionada aos grandes conglomerados industriais da tecnologia que se fortalecem cotidianamente vendendo serviços, fomentando publicidade em troca dos nossos dados pessoais, a partir de uma retórica apelativa de mobilidade social e emancipação contra o sistema. Por exemplo, a *Amazon* seria uma alternativa “revolucionária” contra o cartel das livrarias; o *Uber* oferece serviços mais em conta para motoristas e clientes, enfrentando o monopólio dos táxis, dentre outros “enfrentamentos contra o sistema”.

Dessa forma, se no início da internet acreditava-se na formação de uma aldeia global, isso efetivamente não ocorreu, pois a internet, segundo Morozov, se tornou monopólio compartilhado entre as “Big Techs”. Todavia é importante ressaltar que o autor não se mostra um “tecnofóbico”, pois constrói críticas relevantes considerando dois pontos importantes. O primeiro é a promessa de liberdade em troca de controle de dados, já que as nossas pesquisas feitas no google influenciam nossas escolhas, fazendo os usuários acreditarem em uma falsa autonomia. O segundo motivo seria a

¹⁶ Disponível em <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2015/05/evgeny-morozov-nao-acredito-nos-contos-de-fadas-do-vale-do-silicio.html>. Acesso em 05/05/2020.

invasão da nossa privacidade através da venda exacerbada de publicidade, impedindo outras formas de negócio para a comunicação.

Um dos pontos relevantes do nosso trabalho é a reflexão sobre o meio onde as informações circulam, seja ele qual for, pois este espaço precisa ser objeto de reflexão para os historiadores. O meio, ou seja, as redes sociais são utilizadas pelos alunos e os memes referentes a diversos assuntos circulam nesses espaços e dessa forma precisamos analisar como as informações chegam até os jovens. Em uma das tarefas, solicitei à turma que elaborassem memes que dialogassem sobre ttemáticas importantes relacionadas a ciência, a religião, a política, ao feminismo entre outros, pois nas falas de muitos alunos percebi que havia falhas conceituais em relação a esses temas. Até mesmo questões como terraplanismo e antivacinação foram debatidas, pois muitos alunos lançavam esses temas para a discussão em sala de aula depois de terem visto vídeos no *Youtube*, mídias compartilhadas entre grupos de amigos e familiares que divulgavam *fake news* sobre diversas temáticas. Dessa forma, o conhecimento histórico e científico, construído e apreendido em sala de aula, acaba “competindo” com as informações falsas, tomadas como verdades incontestáveis compartilhadas via *Whatsaap*.

Uma das leituras que refletem sobre o poder das *fake news* e que foi imprescindível para o nosso trabalho é a obra da jornalista Patrícia Campos Mello. A autora do livro *A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*, cobriu a pandemia do coronavírus e sofreu ataques pessoais por conta da cobertura do governo Bolsonaro e das *fake news* em torno das eleições de 2018. Consideramos relevantes as suas reflexões acerca do poder de propagação das *fake news* via *Whatsapp* pois, segundo a autora, as comunicações via *Whatsapp* são eficazes já que as pessoas tendem a acreditar mais nas informações compartilhadas pelos parentes próximos e amigos e dessa forma: “como não acreditar no que meu amigo/família está falando”?

A grande questão que norteia esse trabalho, diante de uma era de notícias falsas que circulam nas redes sociais e nos faz repensar a nossa práxis em sala de aula com relação à educação e as mídias é: como esses indivíduos que interferem e sofrem influências desta sociedade estão hoje aprendendo e construindo conhecimentos? A partir da perspectiva freiriana, o papel da educação é despertar a autonomia e crítica dos alunos e para que isso ocorra é essencial a discussão do

processo de ensino e aprendizagem que venha considerar a realidade do aluno e sua leitura de mundo que hoje em dia pressupõe a leitura das mídias e das tecnologias.

Segundo Paulo Freire (1999), o homem é um ser dialógico e o conceito de educação está muito ligado ao “mundo de comunicação”, pois não há educação sem comunicação e é por meio da comunicação que o homem conhece e transforma a natureza. Considerando o poder informativo dos meios de comunicação, estes podem contribuir tanto para a alienação do indivíduo diante das situações cotidianas, quanto para uma postura crítica e transformadora do mundo. Por esse motivo que, na atualidade, se torna imprescindível compreender que não há neutralidade nas mídias e em seus produtos pois estes estão “a serviço de alguém e com algum propósito”. Com relação a neutralidade das informações, Paulo Freire coloca que

(...) o que poderia o educador — repito, sem manipular — numa análise como essa? Que poderia ele fazer, como proposta de criticização dos adolescentes, diante dos programas? Não estou querendo, de maneira nenhuma, que o educador fosse pretender transformar esses meninos em militantes políticos disso ou daquilo. Nada disso! Mas poderia discutir com eles a maneira como esse chamado meio de comunicação vem, em nome de uma neutralidade que inexistente, explicitando uma ideologia que é, exatamente, a dos grupos do poder. O problema do educador, aí, não seria o de dizer: “Olhe, se você, meu filho, concordar com essa ideologia dominante, eu boto zero em você.” De jeito nenhum! Mas é fazer com que o guri apreenda isso. Ele que aceite ou não. Mas que ele compreenda esse negócio. Nas palavras do autor: “Na verdade, o que está se fazendo, em grande parte com os meios de comunicação é comunicado! Em lugar de haver comunicação real, o que está havendo é transferência de dados, que são ideológicos e que partem muito bem-vestidos” (FREIRE; GUIMARÃES, 2013, p. 48).

Dessa forma, de acordo com Paulo Freire, uma educação midiática de qualidade é aquela que ocorre a partir do praticar/ensinar a leitura crítica dos textos veiculados na mídia bem como a sua elaboração, seus modos de transmissão e de recepção. De maneira geral, quando apresentamos um meme ao aluno sobre determinado tema histórico e estimulamos a construção de um meme pelos discentes, por exemplo, a expectativa e o objetivo docente é estimular a dialogicidade por meio de uma prática mediadora e emancipadora. Por exemplo, considerando aqui a importância do Ensino de História crítico, é necessário a leitura e comparação de fontes para a construção do conhecimento, pois um mesmo fato histórico pode ter leituras diferentes já que os meios de comunicação, assim como a Educação não são neutras, e, como já vimos, os seus produtos e seus processos têm a ver com a questão política e de poder.

2.2 Os memes como fenômeno da cibercultura

Meme 6



Fonte: Rapha Chalub, 2021

Mas o que faz de um meme um fenômeno da Cibercultura? Os memes estão presentes nas redes sociais em diversos formatos, fomentando discussões com temáticas variadas sobre questões de ordem política e social, de gênero, entre outros. No decorrer do ano de 2021, ocorreu a CPI da Covid, uma comissão parlamentar de inquérito aberta pelo Congresso Nacional investigou supostas omissões e irregularidades nas ações do governo federal durante a pandemia de covid-19. Em maio do mesmo ano, um vídeo criado pelo humorista Rafael Chalub, o *Esse Menino*, fez muito sucesso nas redes sociais e viralizou (até mesmo em outros idiomas, pois foram feitos vários memes e vídeos com dublagem em alemão, por exemplo). O humorista usou como tema a troca de e-mails entre a Pfizer e o governo federal, revelada pela CPI da Covid, em um esquete de amor platônico – por parte da farmacêutica.

Consideramos em nosso trabalho a potencialidade do meme enquanto um fenômeno da Cibercultura, não por sua característica a priori, o humor, mas o meme como um artefato criado e compartilhado coletivamente na internet. Além disso, um meme também contribui para o processo de ensino e aprendizagem na medida em que é capaz de estimular a autoria no processo de criação, a partir da intertextualidade

e produção de narrativas pelos praticantes culturais. Nesse processo de interação social, as apropriações das tecnologias digitais contribuem para que se teçam cada vez mais redes educativas. Segundo Alves (2007):

Nas tantas redes de conhecimentos e significados que tecemos ao nos relacionarmos com outros seres humanos e que vão nos formando e marcando de modo diferenciado, estão aquelas que, como pesquisadores/pesquisadoras traçamos em nosso trabalho cotidiano de desvendar a “realidade” que inclui: os *espaçostempos* de viver nas redes educativas, criando-os permanentemente; as relações que estabelecemos com as pessoas que nelas estão –a que Certeau (1994) chama de praticantes –e que nos permitem criar conhecimentos e significados, sempre (ALVES, 2010, p.69).

Para Santos, “os praticantes que vivem e interagem nos espaços *multirreferenciais* de aprendizagem, provocam discussões, articulam e reconfiguram contextos, técnicas, provocando mediações e instituindo atos de currículo, potencializando leituras plurais” (SANTOS, 2005). Ao considerar a potencialidade do meme no processo de ensino e aprendizagem nas aulas de História, focamos nas possibilidades narrativas e interpretativas do cotidiano que o meme provoca. É necessário que a escola atualize as suas práticas do *aprenderensinar*, que contribua para a construção de identidades e de uma sociedade crítica e essa tarefa seria impossível sem pensarmos no mundo em que os alunos vivem e, esse mundo também é *on line*. O gráfico a seguir é resultado de uma pesquisa feita com os alunos¹⁷ da segunda série do Ensino Médio em um colégio estadual localizado na zona oeste do Rio de Janeiro, quando questionados sobre os tipos de redes sociais utilizados por eles no dia a dia, o resultado foi o seguinte:

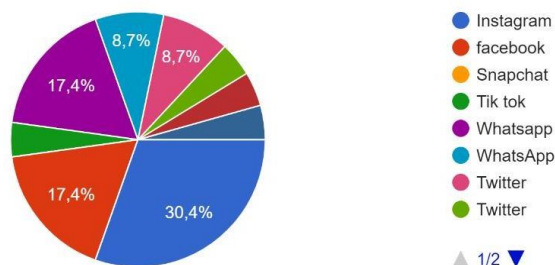
¹⁷ A pesquisa levou em consideração um total de 31 alunos da Primeira Série do Ensino Médio.

Gráfico 1

Fonte: Autor, 2021

8-Que tipo de rede social você mais utiliza?

23 respostas



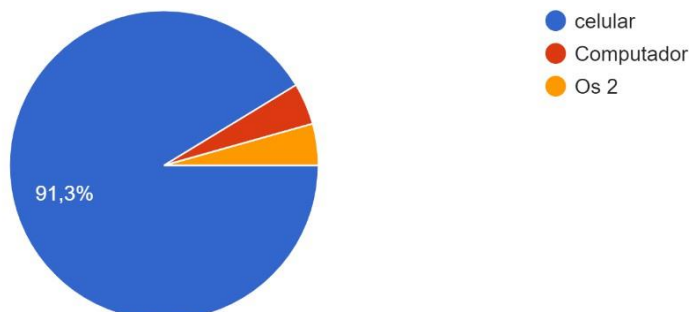
Conforme notamos no gráfico acima, os alunos acessam o Instagram e o Facebook como as duas principais redes sociais. Nessas redes, todos os dias, circulam imagens e notícias sobre política, economia, dentre outros assuntos, quase que em tempo real, que surgem *fulltime* nos feeds dos usuários. O ciberespaço, principalmente após a segunda metade do século XX, faz parte do cotidiano da cultura dos jovens que cada dia a mais estão imersos, desfrutando e interagindo em novos espaços virtuais. Soma-se a isso, o fato de que as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, em especial, as TMSF¹⁸, permitiram uma conexão mais ampla (BENAK, 2020), onde as pessoas acessam a internet fora de casa. A seguir o gráfico que demonstra de que forma os alunos acessam a internet cotidianamente:

¹⁸ Tecnologia Móvel sem fio – Uso de variados dispositivos tais como telefone celular, notebook, laptop, Ipad, tablet e outros equipamentos emergentes, que oferecem as funcionalidades intrínsecas das TDIC de navegação entre informações disponíveis na Internet, comunicação multidirecional, produção e publicação de informações.

Gráfico 2

7-Você acessa a Internet com frequência, usando:

23 respostas



Fonte: Autor, 2021

Segundo Ana Lucchesi, devido ao fenômeno da ubiquidade, com o celular em mãos, é possível exercer uma infinidade de tarefas não sendo preciso estar diante do computador para existir no ciberespaço¹⁹, pois a intensificação da conexão acelerou a maximização da computação ubíqua e reconfigurou o espaço para uma economia de “desterritorialização” ou da “virtualização” (LÉVY, 1996 apud LUCCHESI, 2012, p. 3). Dessa forma, nesse novo cenário, tanto a escola como os professores precisam atualizar suas práticas e se preparar para as novas demandas. Segundo Caimi e Nicola,

Dialogar com o universo cultural dos jovens, aproximar-se de seus consumos, entender a cultura juvenil e incorporar suas experiências cotidianas no contexto escolar são fortes demandas que se colocam aos professores. Nossos jovens, segundo Morduchowicz (2004), têm experimentado uma nova sensibilidade, com algum déficit, mas também com alta potencialidade para a aprendizagem; são jovens que lidam de modo diferente das gerações precedentes com os conceitos de tempo e espaço, que apresentam maior rapidez de reflexos e capacidade de integrar elementos visuais e sonoros; são jovens que, frente às novas tecnologias de informação e comunicação, têm desenvolvido uma atenção flutuante, descontínua e dispersa (CAIMI e NICOLA, 2015, p. 66).

Percebemos que a geração *homo zappiens*²⁰ se desenvolve consumindo artefatos digitais de forma bastante natural no ciberespaço. É inviável em uma aula

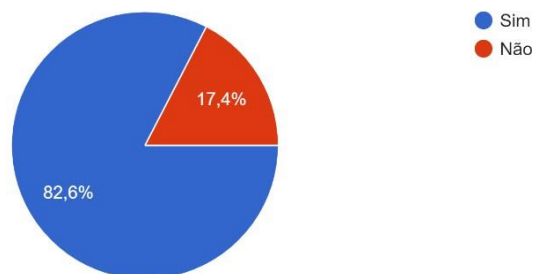
¹⁹ “Espaço enquanto ambiente (ainda que digital), lugar de registro de experiências novas, terreno onde se deixam os traços do tráfego digital, suporte de memórias (LUCCHESI, 2012, p. 4)

²⁰ No texto, “Os jovens, a aprendizagem histórica e os novos suportes de informação”, Caimi e Nicola (2015) informam que Veen e Wrakking (2009) atribuíram à geração da Era do Digital a nomenclatura de *homo zappiens* com a finalidade de designar uma “nova espécie que atua em cultura cibernética

de História negar essa realidade ao proibir que os alunos levem/usem o telefone em sala de aula, quando na verdade o que precisamos é ressignificar o uso desses artefatos, estimulando suas potencialidades de modo a contribuir para o processo de ensino e aprendizagem. Quando me deparei com a necessidade de rever algumas práticas, fiz uma breve pesquisa com os alunos de uma turma da primeira série do Ensino Médio, a respeito do uso de memes nas aulas de História e me deparei com os seguintes resultados

Gráfico 3

10-Você gosta das aulas de História com o uso de memes?
23 respostas



Fonte: Autor, 2021

Gráfico 4

12-Você usa memes nas conversas do seu cotidiano com amigos/familiares (compartilhando em whatsapp, redes sociais, entre outros)?
23 respostas

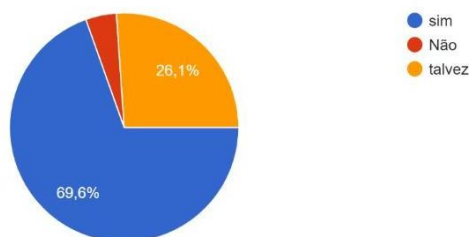


Fonte: Autor, 2021

global com base na multimídia" e se diferencia em função do crescimento em torno dos múltiplos recursos tecnológicos. Para os autores, o contato com estes aparatos proporcionou às crianças um controle sobre o fluxo de informações, o contato com informações descontinuadas, o excesso de informações e até a navegação por comunidades virtuais e reais (BENAK, xxxx).

Gráfico 5

13-Na sua opinião, o uso de memes nas aulas de História torna a aula mais atrativa? Por que?
23 respostas



Fonte: Autor, 2021

Conforme o gráfico acima, notamos que mais de 50% dos alunos consideram o uso de memes nas aulas de História de forma positiva. As justificativas das respostas foram variadas. Para o aluno D. Sampaio, “as aulas de História com o uso de memes ficam mais interessantes e a gente presta mais atenção”. A aluna Késia respondeu: “Sei lá, professora! Depende muito do tema porque tem uns memes que passam batido e a gente esquece”. A fala da aluna me fez refletir acerca da efemeridade dos memes. Segundo Marco Silva,²¹ o meme não é feito para ficar na memória. O meme mais potente é essencialmente pontual, voltado para algo singular e de um instante²¹. Dessa forma, ao levar um meme para a aula de História, a preocupação é trabalhá-lo, de modo que este faça sentido, a partir de alguma temática histórica específica que permitirá ao aluno inferir questões acerca não somente dos conteúdos históricos, mas de questões associadas ao cotidiano e aos problemas da contemporaneidade. O meme a seguir foi criado por uma aluna, após uma aula sobre a temática “a Sociedade no Brasil Colônia” e ilustra o que acabamos de discutir.

Meme 7



²¹Entrevista com o professor Marco Silva. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/38187/28117>. Acesso em: 15/05/2021

Fonte: Le Monde Diplomatique Brasil, 2015

Meme 8



Fonte: K. Monteiro (aluno da 2ª série do Ensino Médio), 2020

A primeira imagem é a releitura em forma de meme da obra “O jantar”²², publicada no jornal *Le Monde Brasil* foi utilizada pela docente em uma aula expositiva sobre a formação da sociedade colonial da América Portuguesa. A reação dos alunos foi impactante e questionamentos e comentários ligados a noção de tempo foram feitas, como por exemplo: “professora, ainda tem escravidão no Brasil, né?”, “Isso me revolta porque nunca vai mudar no Brasil, professora, não adianta”. O meme criado pela aluna contém os dizeres “eu só queria um pãozinho, qual é o problema deles?”, evidenciando que ainda existem problemas na sociedade brasileira devido aos privilégios e a desigualdade social construídos de forma estrutural no país. Podemos inferir que o meme trabalhado em sala de aula se tornou “memorável”, não sendo apenas algo efêmero, conforme afirma Marco Silva, pois desde o momento em que o aluno produz um meme temos ali uma relação de autoria, de afeto²³ e de produção de conhecimento histórico.

²² Capa número 97 do *Le Monde Diplomatique Brasil*, publicada em julho de 2015.

²³ Segundo Marco Silva, “O meme mais potente é essencialmente pontual, voltado para algo singular e de um instante. Basta olhar o termo no Google Imagens. Nem sempre lembramos do sentido daqueles que talvez tenhamos visto. Não tenho experiência de afetos com memes exatamente por isso. Considero o afeto na perduração de uma relação e não na efemeridade de uma unidade de informação voltada para um instante”.

3. MEMES E ENSINO DE HISTÓRIA: ESPAÇOS DE EXPERIÊNCIAS E HORIZONTES DE EXPECTATIVA

A partir das leituras de textos que problematizam o Ensino de História, bem como as experiências da prática docente, tornou-se necessário repensar o “meu fazer histórico” em sala de aula e elaborar um trabalho que tentasse dar conta dos memes como um artefato didático vinculado à espaços de experiências e horizontes de expectativa (KOSELLECK, 2006). Conforme veremos no próximo tópico referente às sequências didáticas, os memes são utilizados nas aulas expositivas através da mediação do professor, como uma espécie de agente facilitador para a compreensão dos acontecimentos passados que refletem no presente através da transposição dos conteúdos de um “saber acadêmico para um saber ensinado “ (MONTEIRO, 2019), o que nas palavras de Chevallard é uma ruptura, ou seja, um “instrumento de inteligibilidade” que possibilita a compreensão pelos alunos.

Como a abordagem teórico-metodológica também dialoga com a perspectiva do Ensino de História e Historiografia, a pesquisa focaliza os saberes e as práticas pedagógicas, assim como os diferentes usos do passado presentes não somente nos livros didáticos, mas no ciberespaço²⁴ (SANTAELLA, 2007). Para Gadotti, “o ciberespaço rompeu com a ideia de tempo próprio para a aprendizagem[...] o tempo de aprender é hoje e sempre.” (GADOTTI, 2000, p.8). Sendo assim, a temática trabalhada torna-se relevante na medida em que reflete sobre as novas tecnologias que fazem parte do cotidiano do estudante, modificando e ampliando as maneiras de aprender e ensinar. Dessa forma, os manuais escolares e, sobretudo os escritos, não seriam as únicas fontes de o aluno chegar ao conhecimento histórico. Uma dessas formas de recepção são os memes, que podem ser transmitidos e multiplicados por meio da internet. (ANDRADE, 2018).

Atuando na Educação Básica como professora de História em pleno século XXI, é necessário considerar os impactos da tecnologia, o “boom” da informação e de que forma os alunos recebem determinados conteúdos históricos. A pesquisa

²⁴ Segundo Santaella, o ciberespaço é “um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis”. Um mundo virtual da comunicação informática, um universo etéreo que se expande indefinidamente”, graças à produção dos próprios usuários deste “local”.

considera os memes históricos presentes nas redes sociais, em especial nos grupos presentes no Instagram e Facebook (como o *História no Paint*, *Memes de Novelas*, *Chapolim bolado*) bem como na recepção desses memes utilizados nas aulas de História no decorrer do ano de 2020 pelas turmas da Segunda Série do Ensino Médio de dois colégios: A Escola Ampla, um colégio particular localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro e o Colégio Estadual engenheiro João Thomé, de esfera pública, localizado no bairro de Padre Miguel.

Como a minha prática docente transita nas duas esferas, pública e privada, é possível afirmar que existem realidades distintas quanto ao uso de ferramentas digitais por parte dos alunos. A experiência desenvolvida com os alunos do colégio privado durante o período de pandemia não foi a mesma que realizei com os alunos da esfera pública devido a uma série de limitações, pois nem todos os alunos da esfera pública possuem acesso à internet e estrutura adequadas. Apesar de a SEEDUC - Secretaria do Estado da Educação- fornecer AVA's²⁵, muitos não tiveram acesso aos conteúdos disponibilizados e tempo hábil para frequentar as aulas, já que diante da crise gerada pela pandemia, muitos alunos tiveram que trabalhar ou aumentar a carga de trabalho para os sustentos de suas famílias, não conseguindo tempo hábil para frequentar as aulas.

Em termos de pesquisa, nosso objetivo é contribuir para o Ensino de História tentando responder algumas questões: Como estimular a leitura nos alunos a partir do uso/construção dos memes? Diante das novas ferramentas midiáticas que proposta de ensino podemos utilizar de modo tornar os conhecimentos históricos mais inteligíveis para o aluno? Qual papel do professor mediador nesse processo? São muitas as questões e não temos a pretensão de dar conta de todas, mas refletir acerca dos memes e suas temporalidades, fazendo uma reflexão histórica desses artefatos não somente como representações do passado, mas como espaços de experiência e horizontes de expectativa.

Segundo Koselleck “o tempo assim se acelera a si mesmo”. O mundo onde o “hoje e o agora”, ou seja, um presente de forma absoluta estimulado por imagens, notícias em tempo real, internet, o consumo de diversas informações e uma série de outras inovações tecnológicas tornou a noção de tempo mais acelerada e tal fato estabeleceu novos desafios para o Ensino de História. Considerando essa realidade,

²⁵ Ambiente Virtual de Aprendizagem.

na qual muitos alunos estão inseridos, cabe compreender que há diferentes formas de adquirir, obter e avaliar informações sobre o passado. Sendo assim, torna-se necessário “um novo fazer curricular” que auxilie na reflexão da prática docente associada às novas tecnologias e formas digitais de acesso e produção de conhecimento.

Sobre as diferentes noções de temporalidades a serem problematizadas e suas implicações no conhecimento histórico escolar, percebe-se a existência de um regime de historicidade específico que, segundo Hartog, permite discutir a relação entre tempo, História e memória. Por regimes de historicidade, Hartog afirma que:

(...) entendidos como uma expressão da experiência temporal, regimes não marcam meramente o tempo de forma neutra, mas antes organizam o passado como uma sequência de estruturas. Trata-se de um enquadramento acadêmico da experiência (Erfahrung) do tempo, que, em contrapartida, conforma nossos modos de discorrer acerca de e de vivenciar nosso próprio tempo. Abre a possibilidade de e também circunscreve um espaço para obrar e pensar. Dota de um ritmo a marca do tempo, e representa, como se o fosse, uma "ordem" do tempo, à qual pode-se subscrever ou, ao contrário, e o que ocorre na maioria das vezes, tentar evadirse, buscando elaborar alguma alternativa." (HARTOG, 2013, p.12).

Tal conceito permite a compreensão da questão do tempo como estruturante do pensamento histórico e de formas pelas quais os homens vivenciam, atribuem significados a esta experiência que se expressa na historiografia. Em sua obra, Hartog faz referência a diversos regimes de historicidade que predominaram ao longo do tempo. Um deles é o regime moderno de historicidade, onde a visão futurista é predominante. Aqui, a História torna-se um processo e toda a análise temporal é direcionada ao progresso, onde o futuro é visto como superior e o presente é fugaz e transitório. Já o regime de historicidade, proposto por Hartog e que serve como ferramenta de análise do objeto de pesquisa, fundamenta-se no *presentismo* que, segundo autor, tem início em meados do século XX, tendo como marco o ano de 1989 com a queda do Muro de Berlim onde entra em jogo um novo conceito de história, não mais calcado em uma linearidade e na crença no progresso, mas numa concepção descontínua da história e de tempo que, partindo do presente, traz o passado à atualidade, lidando com o que ele denomina "rememoração" onde o passado é relevante para o presente e é por ele constituído.

Como a pesquisa trabalha com o conceito de regime de historicidade presentista, os estudos de Koselleck acerca de uma nova perspectiva sobre a relação

entre tempo e História contribuiu para a reflexão acerca da “experiência” e a “expectativa”, apresentadas pelo autor como duas categorias históricas que “entrelaçam passado e futuro” (KOSELLECK, 2006, p.308). Tais conceitos servem como instrumentos para problematizar aquilo que ele chama de tempo histórico, entendido como “um valor adequado à história e cuja transformação pode-se deduzir da coordenação variável entre experiência e expectativa”. Essas categorias auxiliam na compreensão desse novo regime de historicidade marcado por um tempo que, devido ao desenvolvimento tecnológico, parece estar mais acelerado promovendo transformações constantes e por uma ruptura com o passado em direção ao futuro com um horizonte de expectativa (KOSELLECK, 2006) cada vez mais incerto e inseguro, onde emergem cada vez mais lugares de memória²⁶

Dessa forma, para a elaboração do projeto procurei trabalhar os memes como narrativas e espaços de experiências de professores e alunos, associando os conhecimentos historiográficos ao Ensino de História. Nas últimas décadas, autores como Reinhart Koselleck e François Hartog se dedicaram a estudos sobre a questão da temporalidade como dimensão constitutiva da produção do conhecimento histórico (MONTEIRO, 2000) e o trabalho em questão considera as contribuições desses autores para pensarmos o Ensino de História e o tempo presente a partir do uso e criação de memes como um recurso que, a partir da mediação do professor e das trocas de experiências entre docente e discente, visa a ressignificar a prática docente tornando os conhecimentos históricos presentes nos manuais escolares mais inteligíveis para os alunos.

Em sua obra *Professores de história: entre saberes e práticas*, Ana Monteiro analisa as concepções de Chevallard quanto ao conceito de transposição didática “como aquele que remete à passagem do saber acadêmico ao saber ensinado”. Segundo o autor:

Para que o ensino seja possível "o elemento de saber deverá ter sofrido certas deformações que o tornarão apto a ser ensinado. O conceito de transposição didática permite então que o campo científico da didática se constitua pois, além de definir uma ruptura, ele cria um instrumento de inteligibilidade que possibilita a realização das investigações, abrindo caminho para que a caixa-preta em que tem estado inserido o ensino comece a ser desvendada. (...) Ao trabalho que transforma um objeto de saber ensinar em um objeto de ensino denominamos de transposição didática" (CHEVALLARD, 1991).

²⁶ NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares, 1984. Tradução: Yara Aun Khoury. In: Projeto História. São Paulo: Educ, nº 10, dez, 1993.

No Ensino de História torna-se um desafio constante tornar os acontecimentos históricos de outros tempos de fácil compreensão para os alunos. As reflexões de Ana Monteiro sobre a atividade de transformação como um “processo através do qual o professor produz as formas de representações (...) em função da idade e das características gerais dos alunos e das características específicas de cada turma” nos fez pensar sobre o que Meyer denomina de “negociações de distância”(MEYER, 1998), ou seja, a “articulação de diferentes saberes entre professores e alunos, mediadas por suas referências culturais e profissionais - no caso dos docentes – produzindo conhecimento original e consistente teoricamente”. A partir dessas contribuições, é possível pensar o uso do meme como um artefato que permite o processo de “negociação da distância” entre professor-aluno na medida em que um meme não pode ser trabalhado de maneira descontextualizada, ou seja, seu uso não está desvinculado da realidade. Nesse caso, um professor quando utiliza um meme nas aulas de História, considera o repertório cultural do contexto/tempo em que está inserido.

Todavia, a pesquisa não é uma ode aos memes e não nega a importância do livro didático e outros materiais como instrumento pedagógico. Porém é notório a existência de uma incompatibilidade entre as práticas escolares: a primeira, ligada a uma função propedêutica do ensinar (ZABALA, 1998) -que ainda prioriza os conhecimentos conceituais- e a segunda, que considera a velocidade das inovações tecnológicas que estão em constante transformação, presentes na sociedade e que são utilizados pelos alunos da Educação Básica. Sendo assim, após algumas de nossas experiências com o uso dos memes nas atividades elaboradas nas aulas de História, partimos da premissa de que os manuais escolares utilizados de maneira isolada não garantem a devida inteligibilidade por parte de um público jovem que recorre a outras formas de acesso à informação mais dinâmicas e interativas. Daí a importância do meme não somente como uma possibilidade de auxiliar no processo de uma aprendizagem significativa, mas como um documento debatido e criado pelos alunos a ser trabalhado em sala de aula diante das novas ferramentas midiáticas.

Nesse processo de ensino e aprendizagem a mediação do professor nas aulas de História a partir do uso de memes associado a outros recursos, como os manuais escolares, acaba estimulando a leitura e contribuindo para uma formação crítica pois os alunos ao terem contato com memes, acabam fazendo associações, comparações e abstrações. A ilustração do meme muitas das vezes acaba sendo uma experiência

“passado presente” para o aluno, pois através de uma imagem produzida no presente, ele deverá ser capaz de compreender os acontecimentos passados relacionando ao momento em que vivemos e sendo mobilizado a refletir sobre as expectativas de um “futuro presente”.

3.1 Ciberpesquisa-formação e a experiência memética no ‘aprenderensinar’ na pandemia

A pesquisa foi desenvolvida considerando a metodologia da Ciberpesquisa-formação (SANTOS, 2019) com a leitura das epistemologias cotidianista (ALVES, 2001) e multirreferencial (BARBOSA; MACEDO, 2012). Tais escolhas nos auxiliam a investigar como a Educação, a Cultura e a Comunicação podem potencializar práticas docentes em redes educativas no contexto formal/informal da universidade e da escola básica contribuindo também para a formação de professores e discentes na cibercultura.

A Ciberpesquisa-formação, se faz “pela necessidade de legitimar tais saberes e competências que diversos espaços de trabalho estão certificando os sujeitos pelo reconhecimento do saber fazer” (SANTOS, 2019, p 82), os ‘*saberesfazeres*’ que circulam nos ‘*espaçostempos*’ que geraram ‘*conhecimentossignificações*’, compreendidos a partir das narrativas construídas em conjunto com os discentes. Seguindo uma perspectiva cotidianista (ALVES, 2001) esse processo de composição do conhecimento se dá a partir da imersão no cotidiano, *bricolada* com a epistemologia multirreferencial (ARDOINO, 1998) que se opõe a uma visão linear, despertando um olhar plural no pesquisador que está se formando no seu ambiente de trabalho, pois este é educador e pesquisador ao mesmo tempo (FEIJOLE; FREITAS, 2022).

Os praticantes culturais criaram sentidos e significados nos memes abordados, ou seja, se atualizaram (MACEDO, 2012), criando inferências e narrativas sobre diversos aspectos e problemas presentes na sociedade brasileira e no mundo, em especial temas ligados às desigualdades sociais, racismo, ao negacionismo científico e questões ligadas à política, como por exemplo, a questão que gira em torno voto impresso, muito em voga nas redes sociais pelos memes. Dessa forma, nas conversas com os alunos e a produção de meme de forma conjunta, relacionadas com nossos referenciais teóricos nas aulas de História, colaboraram para o processo de autoria e para a minha formação como professora-pesquisadora.

3.2 A Educação foi ressignificada na pandemia?

Sim, podemos afirmar que os *'discentesdocentes'*, através da comunicação, das conversas nas janelas do *Google meet* e nas aulas online, ressignificamos a educação na pandemia. Das trocas nas conversas, emergiram narrativas que nos fizeram entender três pontos importantes. O primeiro, é que a pandemia nos impôs um "novo normal" onde tudo acontecia online e precisávamos *'aprenderensinar'*; O segundo ponto foi compreender que passar de ano não se tratava apenas sobre a conclusão do ensino médio, mas era pensar que venceríamos a pandemia e que sobreviveríamos. Por fim, e não menos importante, entendemos que os problemas da educação, neste período pandêmico, não se resumiam a ambiência *online*, mas a desigualdades sociais existentes na educação e na sociedade e se evidenciaram nas redes.

3.3 Os discentes do Ensino Médio da Rede Estadual e Privada aprenderam no ano de 2020?

3.3.1 O caso do Colégio Estadual

As experiências nas duas esferas, pública e privada, foram desafiadoras. O Colégio Estadual Engenheiro João Thomé no qual leciono está localizado no bairro de Padre Miguel, na zona oeste do Rio de Janeiro. Houve no início uma demora para saber como iríamos lidar com o problema da pandemia, pois ficamos no aguardo para saber se continuávamos presencial ou online. Com o avanço da pandemia e decreto da OMS, nós não retornamos presencialmente e demos início ao Ensino Remoto online, utilizando o *Google Classroom*, onde os professores ficariam disponíveis, numa espécie de chat, nos horários das aulas, postando videoaulas e materiais, elaborados pelos professores, para os alunos. Todavia, essa organização contou com a ideia de que o aluno também entraria na plataforma, no horário da aula, e veria o assunto e as atividades, tirando dúvidas e isso nunca aconteceu de maneira sincrônica pois as dúvidas dos alunos que surgiam eram postadas durante a semana na plataforma e na outra semana as sanávamos, na medida do possível.

Em 2021, levando em consideração que professores e alunos ainda não estavam vacinados, muitos alunos iam para a escola, buscavam a apostila para

realizarem os exercícios e atividades para, enfim, serem entregues no final do bimestre. Os alunos que não se sentiam confortáveis fazendo o trajeto até a escola, continuaram usando o *Classroom*. Logo, diante disso, o Estado ampliou o uso do aplicativo *Aplique-se*²⁷. Em outubro de 2021 os alunos retornaram à escola, salvo os que fossem portadores de comorbidades. Estes continuaram fazendo o uso da apostila, ao passo que o *Classroom* e o *Aplique-se* deixaram de ser utilizados.

Quanto aos alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual, cerca de 20% não tinham acesso à internet e estudaram em casa com apostilas disponibilizadas pela secretaria de Educação e apostilas confeccionadas por professores e coordenadores e impressas na escola. Como dito anteriormente, a partir de 2021, a SEEDUC também disponibilizou apostilas e videoaulas aos discentes em outubro de 2020 na plataforma denominada *Aplique-se*, que para o primeiro acesso e para baixar o aplicativo, exige que o usuário a partir do seu plano de dados ou Wi-Fi. Considerando que, dos 80% que tinham acesso à internet, a conexão era instável, muitos utilizavam dados móveis e nem sempre podiam colocar créditos regularmente, alguns só acessavam pelo celular que nem sempre era do próprio, só podendo acessar à noite ou finais de semana e/ou feriados.

Foi desafiador nas aulas de História pelo *Google classroom*, manter o contato com os alunos e mantê-los estimulados diante de tantas intempéries. Uma das formas de aliviar essa distância foi criar um grupo no *whatsapp* com duas turmas da Segunda Série do Ensino Médio e dessa forma, estreitar laços e mantê-los em atividade constante pois o número de alunos que evadiam da escola devido a trabalho, problemas familiares e psicológicos em decorrência da pandemia aumentavam exponencialmente.

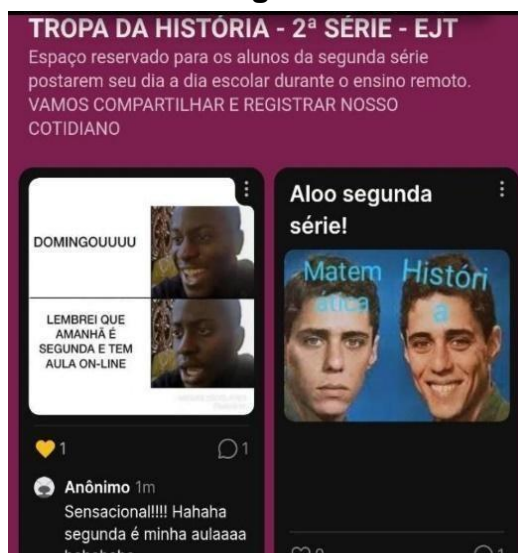
O grupo do *Whatsaap* “Tropa da História” foi criado em junho de 2020 por sugestão dos próprios alunos, pois muitos deles afirmavam que “via *whatsapp* o contato era mais rápido”²⁸ e ali conversávamos diariamente sobre os trabalhos, sobre

²⁷ “O *Aplique-se*, plataforma digital da rede estadual, permite ao usuário navegar dentro do app sem o consumo de pacote de dados graças a navegação patrocinada cedida pela SEEDUC. No entanto, para usufruir de tal benefício é necessário um chip ativo de dados móveis. Não é necessário ter crédito, mas o chip precisa estar ativo. É válido ressaltar que, para baixar o aplicativo e realizar o primeiro acesso, é necessário que o usuário esteja conectado a partir do seu plano de dados ou Wi-Fi. Dentro do app, o estudante tem acesso a mais de 6,5 mil materiais pedagógicos, entre videoaulas, podcasts e orientações de estudo. A secretaria ressalta que há uma diferença entre não gastar dados e navegar sem o uso de internet.” Disponível em: <https://www.seeduc.rj.gov.br/aplique-se>. Acesso em: 04/03/2021

²⁸ Relato de uma aluna da segunda série do Ensino Médio.

os conteúdos históricos e assuntos do nosso cotidiano. A partir dessa experiência e das imagens que os alunos postavam nos grupos, surgiu a ideia de trabalhar as aulas com os memes, já que também me deparei com algumas imagens postadas pelos alunos no grupo demonstrando suas visões sobre o ensino remoto online:

Imagem 1



Fonte: Alunos da 2ª série, 2021

Imagem 2



Fonte: Aluno da 2ª série, 2021

Os discentes trouxeram inquietações e inseguranças sobre tudo que estávamos vivendo. As disciplinas, em foco, têm seus currículos obrigatórios, estabelecidos pela SEEDUC-RJ, mas tudo que aconteceu nas redes sociais, repercutiu na mídia e foi do interesse dos discentes e consequentemente era discutido nas aulas e conversas via whatsapp. As práticas culturais nas redes tecem um emaranhado de '*conhecimentossignificações*', formando múltiplas redes educativas.

Essas não acontecem só nas instituições como escolas, acontecem em diversos ‘*espaçostempos*’, nas vivências cotidianas, nas múltiplas relações que se estabelecem na sociedade. (FEIJOLE; FREITAS,2022).

3.3.2 Uma pergunta puxa outra

Neste período pandêmico, na rede estadual, somada às mudanças pedagógicas na ‘*aprendizagemensino*’, a falta de acesso a conexão à internet e aos dispositivos, tablets, celulares ou computadores foram entraves na implementação da educação online.

Há um paradigma que precisa ser discutido, além de um paradoxo que se apresenta, respectivamente (SANTOS, 2020) nos fazendo refletir. A pandemia evidenciou a potência do uso das novas tecnologias na educação, mas as desigualdades de acesso não permitem que todos usufruam desta potência. O potencial comunicacional dos fenômenos da cibercultura, na pandemia, mediaram processos de ‘*aprendizagemensino*’, pois possibilitam o pensamento crítico e a autonomia que na perspectiva de Freire, a educação tem um papel emancipatório, onde o educando reflete sobre o mundo, transformando-o.

Num movimento de resistência fizemos o que nos foi possível, estávamos mais atentos do que fortes e mesmo temendo a morte, acreditamos que a educação é o caminho para amenizar as desigualdades existentes e entendendo a educação como um ato político, pois através da educação se transmite uma visão de mundo do que se deseja manter ou transformar na sociedade.

A questão colocada também nos faz pensar sobre políticas públicas que não foram implementadas na pandemia. Por que as alunas e alunos da rede estadual não receberam dispositivos com acesso à internet em 2020? Questão que precisa ser respondida para nos ajudar a entender o porquê nem todas e todos os alunos tiveram as mesmas oportunidades de ensino em 2020.

3.3.3 O caso da Escola Privada

A Escola está localizada no bairro de Pilares²⁹, na zona norte do Rio de Janeiro e atende um público de classe média baixa. No ano de 2020, no início da pandemia,

²⁹ **Pilares** é um bairro da Zona Norte do município do Rio de Janeiro. Seu IDH, no ano 2000, era de 0,831, o 68º melhor do município do Rio de Janeiro. Disponível em:

a escola rapidamente se organizou e as atividades e aulas foram postadas no *Google Classroom*, ao mesmo tempo que os professores continuaram dando aula remota ao vivo nos horários das aulas, utilizando frequentemente o *Google Meet* com muitas janelas de alunos abertas e outras fechadas, pois nem todos se sentiam confortáveis em exibir suas imagens na câmera e outros não possuíam webcam e microfone.

Em 2020, veio a notícia de que voltaríamos presencialmente após o recesso de julho, o que não ocorreu, razão pela qual permanecemos utilizando a plataforma para alocação dos conteúdos de exercícios, bem como para as avaliações e atividades, mantendo as aulas através da plataforma *Google meet*. Já em 2021 houve no colégio particular a adoção do sistema de aula híbrida, ou seja, a escola estruturou suas salas de aula com computador, tablets e acesso à internet. Os professores ministravam as aulas via Google Meet e parte dos alunos, os que se sentiam mais confortáveis, frequentavam as aulas de modo presencial, enquanto os demais pelo modo on-line. Os alunos copiavam os conteúdos nos cadernos, comentavam os slides e sinalizavam no chat as suas dúvidas.

Em termos de comparação, no Estado não houve aula híbrida, diferente das experiências ocorridas na escola particular, onde as aulas ao vivo aconteceram, concomitantemente com as postagens de materiais que eram acessados frequentemente pelos alunos pois estes possuíam mais acesso à internet e a diferentes mídias. Além disso, muitos se dedicavam inteiramente à escola e aos estudos, não exercendo atividades laborais. Todavia muitos alunos não conseguiram continuar na escola particular, pois os pais, devido a aumento de desemprego³⁰ (BOSARI; KREIN,2020) e o agravamento da crise econômica diante da crise pandêmica, tiveram que retirar os alunos da escola privada e transferi-los para a escola pública³¹.

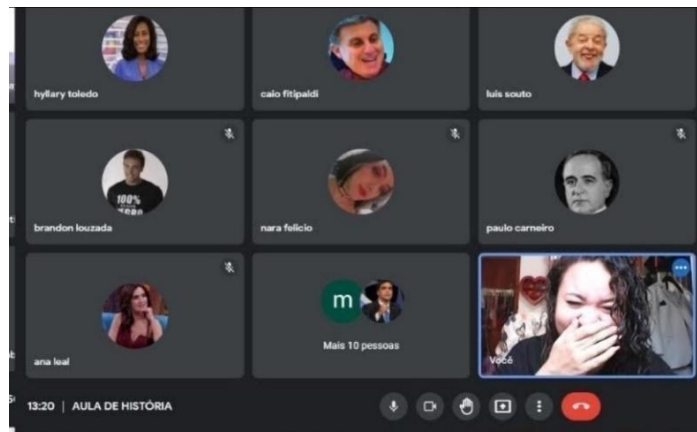
https://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2394_%C3%8Dndice%20de%20Desenvolvim ento%20Social_IDS.pdf. Acesso em: 23/04/2021

³⁰ “A pesquisa já mostra indicadores de deterioração do mercado de trabalho, tais como um aumento de 1,3 ponto percentual na taxa de desocupação (está em 12,2% ou 12,9 milhões de pessoas) quando comparada com o último trimestre, e uma redução de 0,5 ponto percentual em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. No entanto, o que chama a atenção é a deterioração na criação de novas vagas: foram reduzidas 2,3 milhões em relação ao trimestre anterior (1,8 milhão frente ao mesmo trimestre de 2019), explicando, em parte, o aumento da população fora da força de trabalho. Isto é, a dinâmica de criação de empregos, que já era fraca, piora no começo de 2020”. Disponível em: <https://www.cesit.net.br/wp-content/uploads/2020/05/02.pdf>. Acesso em: 23/04/2021.

³¹ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/migracao-para-as-escolas-publicas-cresce-30-na-pandemia-rede-privada-perde-50-mil-alunos-25138212.html>. Acesso em: xx/xx/xxxx.

As atividades aconteceram no decorrer do ano de 2020 e muitas delas foram estimuladas e sugeridas pelos próprios alunos. Nas aulas que ocorriam no Google Meet, percebi que nos status dos alunos, muitos usavam memes de personagens históricos e de pessoas presentes nas mídias (celebridades, políticos, atletas), conforme a imagem a seguir:

Imagem 3



Fonte: A autora, ano

Além disso, acompanhava as postagens (nos feed e stories) nas redes sociais de muitos alunos e percebi o interesse e o contato deles com os memes. Em uma aula sobre o Iluminismo, estávamos comentando sobre os filósofos do período e uma aluna perguntou se não existiam mulheres filósofas. Sugeri então um trabalho com memes (que será visto em detalhes no capítulo referente às sequências didáticas) onde cada aluno deveria pesquisar uma filósofa iluminista e fazer um meme criativo. Os alunos utilizaram vários recursos para publicizar os memes e o trabalho repercutiu na escola, gerando a “Expo Memes” exposta no Instagram oficial da instituição:

Imagem 4



Fonte: Stories da Escola Ampla, 2021

Com a exposição dos trabalhos via rede social oficial da escola, os alunos viram a necessidade de registrar os memes e criaram um mural digital da exposição, utilizando o *Padlet*³², ferramenta online que permite a criação de um mural ou quadro virtual dinâmico e interativo para registrar, guardar e partilhar conteúdo multimídia.

³² Padlet é uma ferramenta online que permite a criação de um mural ou quadro virtual dinâmico e interativo para registrar, guardar e partilhar conteúdo multimídia. Funciona como uma folha de papel, onde se pode inserir qualquer tipo de conteúdo (texto, imagens, vídeo, hiperlinks) juntamente com outras pessoas. Com a mesma conta pode-se criar vários murais. Disponível em: <https://inovaeh.sead.ufscar.br/wp-content/uploads/2019/04/Tutorial-Padlet.pdf>. Acesso em: xx/xx/xxxx.

4. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

4.1 os memes e o Ensino de História como um lugar de fronteira

“Professora, teria como a gente estudar História de outra forma?”. Esse foi um questionamento de uma aluna da escola pública em que leciono. Durante uma aula sobre Revolta da Vacina, a aluna me interrompeu e fez essa indagação. Confesso que a pergunta da aluna me deixou um pouco frustrada e preocupada com o meu fazer docente, pois trabalho em três instituições diferentes e às vezes, devido a excesso de carga de trabalho, falta tempo para planejar aulas mais dinâmicas e lúdicas. A partir dessa experiência comecei a reconsiderar a minha prática docente e a imergir no mundo discente, levantando algumas questões: Como tornar o ensino de História relevante para os alunos? Quais artefatos tecnológicos os alunos utilizam no dia a dia e como tais artefatos podem colaborar no processo de ensino e aprendizagem?

Estamos imersos na Cibercultura. Partindo desse pressuposto, devemos considerar que há diferentes formas de adquirir, obter e avaliar informações sobre o passado usando artefatos tecnológicos que colaborem no processo de ensino e aprendizagem. O questionamento da aluna me fez pensar em estratégias de ensino que tornassem as aulas de História mais interessantes para os alunos. Em seu artigo, *por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História*, a autora Caimi faz uma reflexão justamente sobre essa questão, segundo a autora

Ao mesmo tempo em que pergunta, afirmativamente, por que os alunos aprendem História, e isto implica questionar sobre os elementos de que se compõem suas aprendizagens, sugere que eles não têm aprendido História, pelo menos não de modo adequado e suficiente, na sua escolarização básica. Muitos são os indícios que permitem emitir esta afirmação, tais como as estatísticas de desempenho escolar na área da História, os índices de rendimento deste componente curricular no vestibular, as falas espontâneas dos nossos filhos, sobrinhos e alunos sobre suas aulas de História, as questões levantadas pelos professores de História nos encontros de formação e/ou nas situações em que disponibilizam seu espaço de trabalho para as pesquisas das universidades (CAIMI, 2015, p.1).

Dessa forma, Flávia Caimi levanta questões importantes, já no título do texto sobre “Qual seria o motivo que os alunos não se interessam por história?”. É notório que ainda subsiste o ensino pautado no modelo tradicional e conteudista nas escolas e nesse sentido, a autora faz uma análise sobre como essa concepção de ensino de

História “arcaica” está presente no meio acadêmico. Segundo Caimi, o espaço acadêmico ainda prioriza a ideia de que “basta a apropriação, nos cursos de formação, pelo futuro professor, dos conhecimentos históricos produzidos e sistematizados pela historiografia e pela pesquisa histórica, negligenciando-se a preocupação com estudos sobre a aprendizagem”. A formação e os estudos que consideram a aprendizagem acabam ficando em segundo plano e, segundo a autora, existe uma tal contradição que fica evidente quando analisamos dois documentos: as Diretrizes Curriculares dos Cursos de História e as Diretrizes para Formação Inicial de Professores. O primeiro prioriza a formação do historiador voltado para a pesquisa, negligenciando a licenciatura e a formação docente, enquanto o segundo considera a formação pedagógica em diversas áreas.

As leituras no decorrer desse trabalho da pós-graduação colaboraram para a minha formação acadêmica e, principalmente, para a minha prática docente. Durante esse período de pandemia, resolvi recorrer a alguns artefatos tecnológicos utilizados pelos alunos no decorrer das aulas presenciais. O uso do celular, que sempre foi um problema no cotidiano escolar, acabou sendo benéfico para o processo de ensino e aprendizagem à distância, pois os alunos tiveram acesso a aplicativos que proporcionam maior *interatividade*, como as plataformas *Padlet* e *Jamboard*³³. Dessa forma, a mediação ocorreu de maneira interativa pois foi possível a avaliação dos trabalhos dos alunos analisando, nesses espaços virtuais, os memes históricos de diversos tipos que eram “curtidos” e avaliados por outros colegas.

A partir dessa experiência, é necessário reconhecer o Ensino de História como um “lugar de fronteira”³⁴ entre a História e a Educação, onde precisamos relacionar o conhecimento histórico acerca do passado com o saber vivido cotidianamente pelos professores e alunos. Torna-se imprescindível a construção do conhecimento histórico e das narrativas docentes e discentes de forma a promover a reflexão crítica do aluno.

Em seu artigo *História e Internet: Conexões possíveis*, a autora Alexandra Silva de Oliveira discute acerca da criação da Cibercultura como um fenômeno que permitiu

³³ O Google Jamboard é um quadro branco digital colaborativo que pode ser editado e compartilhado com os alunos nas aulas presenciais e a distância. O aplicativo funciona em computadores, tablets, smartphones ou nos monitores touchscreen 4K de 55 polegadas.

³⁴ Segundo Ana Monteiro, abordar o ensino de História como um lugar de fronteira implica considerar, inicialmente, a relação entre educação e história. Na área da educação, utilizamos referenciais do campo do currículo e da didática para compor o quadro teórico definidor do objeto - os saberes e sua abordagem.

“a criação de uma nova forma de interação entre as pessoas”. Considerando os limites e possibilidades sobre o alcance da Internet para a produção do conhecimento, a autora levanta a seguinte questão: “De que forma a Internet possibilita a construção do conhecimento histórico?”. O objetivo do artigo é justamente refletir acerca dessas conexões possíveis entre História e Internet, esta última sendo um ‘locus’ de análise historiográfica e conseqüentemente uma possibilidade variada de fontes de pesquisa histórica.

Sobre essa autorreflexão, quais saberes servem de base para o ofício do professor? Tardif, a partir de uma visão holística, em sua obra *Saberes Docentes e Formação Profissional*, afirma que o saber docente é a junção de vários saberes. Segundo o autor, existem os saberes experienciais; os saberes curriculares, saberes profissionais e os saberes culturais. O autor faz referências ao conceito de saber, ou seja, de como é constituído o saber docente, problematizando: Quais saberes servem de base para o ofício do professor? Na verdade, os saberes que servem de base são constituídos por todos os saberes, seja pela experiência entre os profissionais, pela experiência pessoal, pela formação acadêmica. Dessa forma, é importante que nós compreendamos que o saber do professor não é consequência somente da formação acadêmica, o saber do professor

...] o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com as suas experiências de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, [...] (TARDIF, 2012, p.11).

Sendo assim, o saber docente é um saber social e não individualizado, ou seja, é formado a partir de todos os outros saberes que são compartilhados e que estão em constante transformação. Segundo Paulo Freire, “é importante ensinar para aprender” e este saber oriundo da nossa prática é devido também `por conta dos nossos alunos que nos ensinam com as suas experiências e saberes: o saber dos professores está ligado a um *saber fazer*.

4.2 Planos de Aula

4.2.1 Aula 1

Escola AMPLA

Disciplina: História

Público-alvo: 2ª Série do Ensino Médio

Duração: 1 tempo de aula (50 min)

Tema da unidade: Iluminismo e o 'século das luzes'

Conteúdos:

- O Iluminismo e o Século das Luzes;
- Antigo Regime: o absolutismo e o mercantilismo;
- Os pressupostos iluministas;
- As obras e os pensadores iluministas.

Objetivos Gerais:

O aluno deverá ser capaz de compreender os principais conceitos, pensadores e ideias acerca do Iluminismo.

Objetivos Específicos:

A partir da aula expositiva e análise dos memes, o aluno deverá refletir e construir indagações acerca dos princípios e pensadores iluministas que criticam o modelo absolutista e fomentam discussões ligadas ao conhecimento racional.

Espera-se que o aluno tenha compreendido os conteúdos a seguir. São eles:

- a) o Antigo Regime;
- b) os pressupostos iluministas;
- c) os teóricos do iluminismo;
- d) o despotismo esclarecido;
- e) a filosofia iluminista e o "século das luzes".

Aprofundando o tema com os memes:

- Em um primeiro momento, se fará uma breve aula expositiva remota acerca dos conteúdos e ideias iluministas (15 min);

- Apresentação dos 2 memes temática iluminista (5 min);
- Mediação da discussão acerca da interpretação do meme (10 min);
- Debate e discussão acerca dos memes (10 min)

Observação:

Os 10 min restantes deverão ser destinados fazer a Lista de Chamada e interagir com a turma sobre assuntos cotidianos.

Recursos Didáticos:

- Internet
- Computador
- *Google meet*
- Power Point
- Livro didático

Memes selecionados:**Meme 9**

Fonte: Gerarmemes, 2020

Meme 10



Fonte: <https://www.facebook.com/CantadasHistoricas>

4.2.2 Aula 2

Disciplina: História

Público-alvo: 2ª Série do Ensino Médio

Duração: 1 tempo de aula (50 minutos)

Tema da unidade: As mulheres Iluministas

Objetivos Gerais:

O aluno deverá ser capaz de refletir acerca do meme exposto em sala de aula, considerando o Iluminismo como um movimento que contou com a participação de mulheres filósofas que durante a época tiveram seus trabalhos suprimidos.

Objetivos Específicos:

- Compreender sobre a importância do protagonismo das mulheres no mundo científico ao longo da História;
- Refletir e levantar questões acerca do Meme 10. Espera-se que os alunos formulem problemas relacionados às questões que estão presentes no cotidiano, tais como: machismo; salários desiguais para homens e mulheres; o apagamento do papel da mulher nos livros didáticos;
- O aluno deverá ser capaz de elaborar um meme que dialogue com a temática da aula, utilizando dois tipos de ferramentas: o VOICE ou MEME GENERATOR.

Estratégias e Procedimentos:

- A aula deverá começar com a análise do meme abaixo e um debate sobre o tema “Onde estão as mulheres filósofas do Iluminismo nos livros didáticos?” (5 min);

Meme 11



Fonte: <https://blogdosuperrodrigao.blogspot.com/>

- Em seguida, os alunos farão uma visita virtual ao #MUSEUdeMEMES e terão contato com os grupos existentes nas redes sociais que divulgam memes, com o *História no Paint* (15 min).

Laboratório de memes em 3 etapas:

- 1) Os alunos, em dupla, deverão baixar dois aplicativos para a realização do meme. Em seguida, haverá uma breve explicação de como criar o meme por meio do aplicativo. (10 min);
- 2) Os alunos irão pesquisar memes sobre “filósofas iluministas” nas redes sociais e refletirem sobre as informações disponíveis sobre o assunto;
- 3) Criação dos memes: os alunos, em dupla, deverão criar um meme com a temática “As Mulheres Cientistas na História”. (20 min)

Ao final da criação, os alunos deverão postar os memes em mural digital (PADLET) criado para a turma fazer a exposição dos memes.

Recursos Didáticos:

- Computador
- Wi-fi
- Livro didático
- Padlet
- Power Point

4.2.3 Resultado das Atividades:

Os alunos, ao pesquisarem nas mídias o tema “memes de filósofos iluministas”, se depararam com o seguinte resultado:

Imagem 5

Aproximadamente 93.200 resultados (0,46 segundos)

Você quis dizer: memes **filósofos** iluministas

<https://br.pinterest.com> › [ascomcris](#) › [memes-iluministas](#) ▼

[18 ideias de Memes iluministas | estudos para o enem ...](#)

Fonte: Autor, 2021

Imagem 6

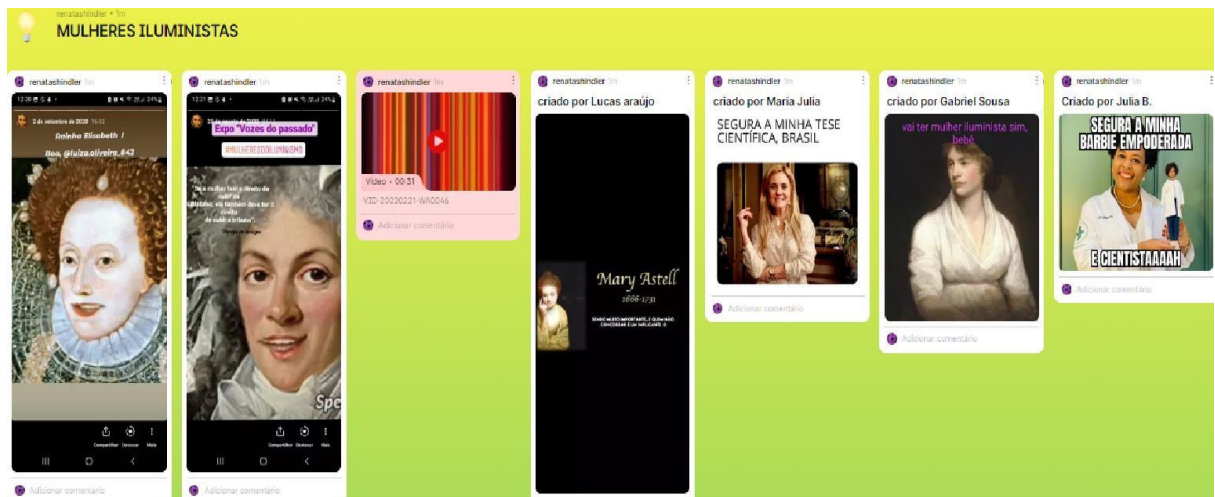


Fonte: A autora, ano

Ou seja, vários memes de homens filósofos do Iluminismo, considerando que a europeia do século XVIII era predominantemente masculina. Nas aulas O resultado da pesquisa, referente a “mulheres filósofas iluministas”, tanto no Google quanto nas redes sociais, foi escasso e tal fato nos fez refletir sobre a estrutura social machista que fez com que muitos trabalhos de mulheres pensadoras fossem suprimidos. Os

alunos questionaram sobre os ideais de liberdade e progresso e se motivaram a criarem os memes das mulheres pensadoras, como o da pensadora dos direitos das mulheres, Mary Wollstonecraft. Ao final, os alunos publicaram os memes, criados no app *Meme Generator*, no mural digital, conforme a imagem a seguir:

Imagem 6



Fonte: Alunos, 2021

4.2.4 Aula 01

Colégio Estadual Engenheiro João Thomé

Disciplina: História

Público-alvo: 2ª Série do Ensino Médio

Duração: 1 tempo de aula (40 min)

Tema da unidade: **República Oligárquica: A Revolta da Vacina e as Reformas Urbanas no Rio de Janeiro**

Conteúdos:

- O conceito de República Oligárquica, coronelismo e clientelismo;
- As transformações na capital do Rio de Janeiro na gestão Pereira Passos;
- Os motivos que fizeram eclodir a Revolta da Vacina na Primeira República.

Objetivos Gerais:

O aluno deverá ser capaz de compreender o funcionamento político da República Oligárquica; as exclusões sociais consequentes da política higienista e das

reformas urbanas na capital carioca, bem como os motivos que fizeram eclodir as diversas revoltas nos primeiros momentos da República brasileira.

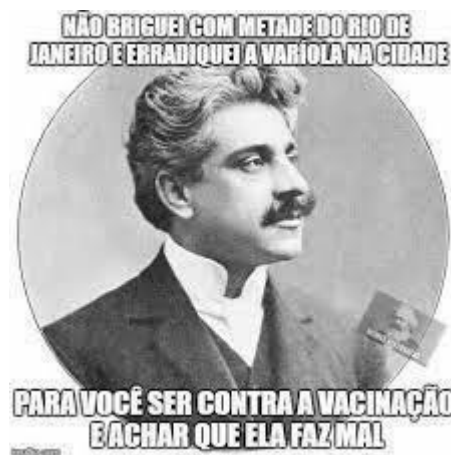
Objetivos Específicos:

A partir da aula expositiva e análise dos memes, o aluno deverá refletir e construir indagações acerca das questões políticas e sociais da época.

Estratégias: Aprofundando o tema com os Memes

- Em um primeiro momento, se fará uma breve aula expositiva remota acerca dos conceitos históricos (15 min);
- Apresentação dos memes temática sobre coronelismo e Revolta da Vacina (5 min):

Meme 12



Fonte: www.researchgate.net

Meme 13



Fonte: <https://pin.it/6VxKJx2RV>

Meme 14



Fonte: Gerarmemes, 2021

Meme 15



Fonte: Gerarmemes, 2021

- Mediação da discussão acerca da interpretação dos memes e uso do aplicativo MEME GENERATOR para ser utilizado na aula 2 (10 min);

Observação:

Os 10 min restantes deverão ser destinados fazer a Lista de Chamada e interagir com a turma sobre assuntos cotidianos.

Recursos Didáticos:

- Internet wi-fi;
- Computador;
- *Google Classroom*;
- *Aplique-se*;

- *Whatsaap*;
- Power Point;
- Padlet;
- Livro didático.

4.2.5 Aula 02

Colégio Estadual Engenheiro João Thomé

Disciplina: História

Público-alvo: 2ª Série do Ensino Médio

Duração: 1 tempo de aula (40 min)

Tema da unidade: **A República Oligárquica através dos memes**

Conteúdos:

- A exclusão social decorrente das reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro;
- A Política dos Governadores e o sistema do “voto aberto”;
- A Revolta da vacina e as questões em torno da vacinação obrigatória.

Objetivos Gerais:

- Os alunos deverão ser capazes de compreender o funcionamento do sistema eleitoral, problematizando as questões políticas e sociais da Primeira República e da contemporaneidade;
- Compreender as questões em torno da não aceitação da vacinação por parte da população no período da Revolta da Vacina;
- Os alunos deverão ser capazes de se atentarem aos perigos do compartilhamento nas mídias de memes que divulgam *fake news*, memes de cunho negacionista, dentre outros;
- Ao elaborar o meme, os alunos deverão contextualizar os discursos políticos contidos nas narrativas constituídas pelos memes.

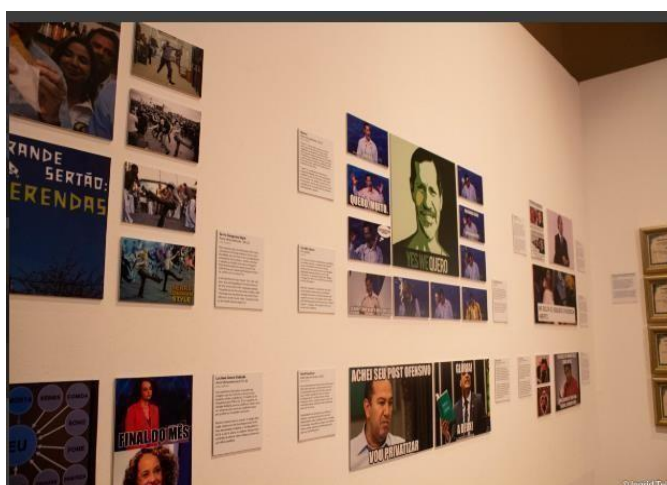
Objetivos Específicos:

A partir da aula expositiva (Aula 1), debate e do laboratório de memes, os alunos deverão refletir e construir indagações contextualizadas acerca das questões políticas e sociais, bem como serem capazes de elaborar os memes de acordo com o cotidiano e com a temática da aula.

Estratégias: laboratório de Memes

- Visitação online ao MUSEUdeMEMES, para que os alunos tenham contato com as produções acadêmicas e com os memes da contemporaneidade. (10 min):

Imagem 7



Fonte: Autor, 2021

- Apresentação dos grupos presentes nas redes sociais, como o *História no Paint* e o *Chapolim Sincero*. (10 min);
- Apresentação dos recursos MEME GENENATOR e PADLET aos alunos com explicações a respeito da atividade que será desenvolvida, assim como instruções sobre o uso da ferramenta. (10 min);
- Momento “Meme na Prática”:
 - a) Os alunos, em grupo de no máximo três integrantes, terão um período de cinco dias³⁵ para a elaboração de um meme referente a temática das aulas e ao debate que serão enviados pela plataforma *Google Classroom*, via email ou

³⁵ Como as aulas no Google Meet não foram possíveis com frequência devido à falta de acessibilidade e recursos, como webcam, por parte de muitos alunos, a atividade foi criada para ser elaborada em casa, com prazo flexível considerando os problemas decorrentes da implementação do Ensino Remoto online, bem como o tempo e o cotidiano dos alunos.

whatsapp. Ao final, os memes e as discussões serão publicados no *Padlet*, mural digital denominado pelos alunos de “Tropa da História”.

4.2.6 Resultados das atividades no Colégio Estadual:

As discussões nas aulas acerca do Sistema Eleitoral e da Revolta da Vacina, processos que ocorreram durante a República Oligárquica, geraram questionamentos que dialogam com o contexto político e social em que vivemos. As aulas acerca do sistema eleitoral do período oligárquico, marcado pelo voto de cabresto e pela corrupção, fez com que muitos alunos refletissem acerca das notícias falsas referentes ao “retorno do voto impresso”, muito em voga nas redes sociais e na mídia.

Quanto a questão da vacinação, os alunos fizeram associações entre os dois períodos: Se na época em que ocorreu a Revolta da Vacina, havia um Estado preocupado com a Saúde Pública, mas pouca informação sobre a vacina, muitos alunos questionaram o fato de hoje não ter tido uma preocupação estatal de implementar a vacinação desde o início contra a Covid 19 e conscientizar a população de forma ampla. Os alunos criticaram a postura do Governo Federal em torno do descaso com a saúde da população e a falta de precisão no combate às fake news em torno da vacina. A seguir dois exemplos de memes criados pelos alunos no Laboratório de Memes e o debate em torno deles:

Meme 16



Fonte: Alunos da Segunda Série do Ensino Médio, 2021

Meme 17



Fonte: Aluna da Segunda Série do Ensino Médio, 2021

Debate em torno do memes, criados respectivamente pelos alunos da Segunda Série do Ensino Médio e publicado no *Padlet*:

Aluno B (turma 2002): "Bom dia!! Sobre o voto impresso eu estava conversando com a minha avó e ela disse que antigamente o voto não era muito confiável pois existiam muitas suspeitas de fraude. E por essa questão o voto passou a ser de forma eletrônica".

Aluno K (turma 2001): "Não sei se estou enganada, mas a mídia passa a informação como se o sistema fosse muito confiável. Não assisto mais tv nem leio jornais impressos, mas logo depois a fala do Presidente assisti noticiário que parecia estar informando que tudo é muito perfeito, confiável."

Aluna K: "O voto impresso a mts anos era usado na época dos coronéis e muitos compravam os votos pra fraldar as urnas, se isso voltar tudo só vai piorar, tem muito abuso de poder econômico".

Aluno C: "Pelo que eu li, na minha opinião ele resolveu mudar isso pq e/e tá tentando se livrar dessa tal "fraude" que supostamente ele possa tá envolvido e como ele já está na presidência a 3 anos e pouquinho, agora ele decidiu mudar isso no ano em que estamos (2021) hehe. Apenas coisas da minha cabeça professora 🤔🤔".

Aluno L: "Ah professora, a gente tem que ficar ligado nos memes que a gente vê na mídia pq tem uns que só falam besteira e mentiras...vacina que dá aids... que virá bicho...só um desinformado pra cair nessas fakes"

Conversa via Whatsaap:

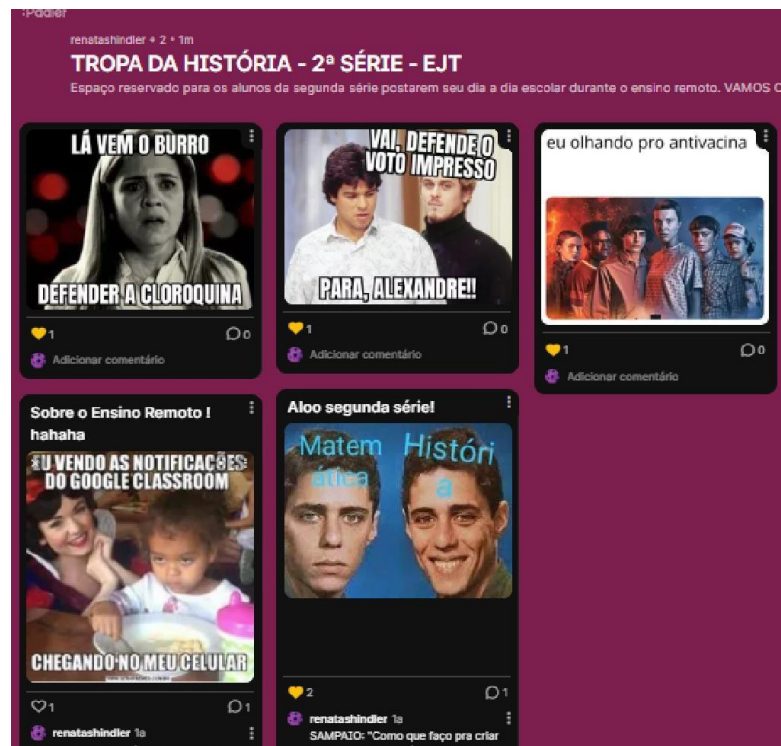
Aluna K [12:49, 11/08/2021]: se já morre gente assim, imagina com voto impresso voltando, professora.

[12:50, 11/08/2021]: quantas pessoas a mais iriam votar erroneamente por causa de dinheiro!!

[12:50, 11/08/2021]: e no final quem sofre a consequência é a população pq não souberam votar direito.

4.2.7 O Mural “Tropa da História”

Imagem 8



Fonte: Alunos da Segunda Série do Ensino Médio, 2021

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências docentes nas duas instituições durante a pandemia me permitiram itinerâncias diferentes de um cotidiano “normal”, sem sala de aula física, tendo contato com alunos por meio de “janelas” que nem sempre se abriam no Google Meet, por vergonha, ansiedade,³⁶ timidez ou falta de recursos.

Durante a pandemia o tempo foi curto para nós, docentes, darmos conta de tantas mudanças e informações. A educação que acontecia presencial passou a acontecer à distância, se utilizando de fenômenos da cibercultura. Esses fenômenos foram considerados em nosso trabalho em conjunto com os alunos onde tecemos uma rede de troca de conversas e conhecimento históricos. Partindo do reconhecimento de que a melhor forma de aprender e ensinar é considerando o cotidiano do outro, suas potências e seus limites, vislumbramos a proposta de atividades apresentadas neste TCC.

Torna-se necessária a reflexão sobre os desafios do Ensino de História, associada às novas tecnologias e formas digitais de acesso e produção de conhecimento. A partir da década de 1980, é notório o surgimento de diversos estudos abordando os usos do passado e as noções de memória e patrimônio. Segundo Andreas Huyssen, o tempo passado não é ressuscitado, mas sim modificado e lembrado através de um conjunto de objetos, imagens e sons que permitem a *presentificação* de um tempo histórico. Diante desse “boom” da memória, qual seria o papel do professor frente à Cibercultura, ao excesso de imagens e informações sobre o passado? Acredito que é superando a crise das humanidades e fortalecendo ainda mais o Ensino de História crítico que leve o aluno a compreender não somente a sua realidade mas os processos históricos através da pesquisa, da reflexão da criação de artefatos históricos, como os memes, por exemplo.

É notório que as humanidades passam por um momento de crise: vivemos em um mundo onde o hoje e o agora, ou seja, um presente de forma absoluta estimulado por imagens, notícias em tempo real, internet, o consumo e uma série de outras inovações tecnológicas tornam ultrapassados e obsoletos objetos e homens, de forma rápida, e o futuro acaba por se tornar algo incerto e duvidoso. Diante dessa nova

³⁶ Importante registrar aqui que, durante algumas aulas, muitos alunos relataram ansiedade e pediam tempo para falarem de si mesmos, das angústias e perdas de amigos e familiares durante a pandemia de Covid 19. Muitos foram “abrindo as janelas” depois de conversarmos sobre assuntos extraclasse.

realidade, as humanidades vêm sofrendo de uma crise sistêmica que pode ser percebida no próprio ambiente acadêmico, quando muitas das vezes os projetos e cursos de humanas não recebem investimentos e recursos do governo para fomento do ensino e pesquisa. Por sua vez, no ambiente escolar, cada vez mais essa crise é sentida, principalmente quando analisamos o texto da Reforma do Ensino Médio e nos deparamos com diversas expressões que fazem apologia a um modelo de ensino voltado para o empreendedorismo: a intenção é formar mão de obra técnica e especializada voltada para atender às demandas do mundo do trabalho. Daí a prioridade dada às disciplinas mais “objetivas” e as propostas de redução de carga horária e até mesmo a extinção de disciplinas voltadas para as humanidades, que estimulam a capacidade crítica e a autonomia do indivíduo.

Diante de uma crise de esgotamento da sua forma disciplinar, pautada em critérios sólidos desde o século XIX, é necessária uma autorreflexão. No cenário atual, muitas pessoas falam sobre conhecimentos históricos, sem qualquer embasamento científico e crítico, em diversos canais de Youtube, redes sociais, dentre outros. Tal realidade torna-se um desafio, pois, devido a essa crise das humanidades, o professor/historiador se encontra em um cenário de disputas de discursos. Nesse contexto de crise das Ciências Humanas e da Educação como um todo, uma solução proposta para enfrentar esses problemas da contemporaneidade seria considerar o papel autônomo das universidades; os saberes docentes e a aproximação do mundo acadêmico com a Educação Básica, no que tange à produção do conhecimento histórico. Com isso, caberia também à comunidade universitária, procurar sair da “zona de conforto”, ou seja, buscar a legitimação da disciplina através de um movimento de autoanálise e de autotransformação por mais desafiador que seja aos historiadores.

Pensando sobre os saberes docentes necessários para o processo de ensino e aprendizagem e para a formação profissional do professor, o autor Antônio Nóvoa, no artigo *para uma formação de professores construída por dentro da profissão*, considera quatro mudanças importantes para assegurar a aprendizagem docente e o desenvolvimento profissional dos professores:

articulação da formação inicial, indução e formação em serviço numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida; atenção aos primeiros anos de exercício profissional e à inserção dos jovens professores nas escolas; valorização do professor reflexivo e de uma formação de professores baseada na investigação; importância das culturas colaborativas, do trabalho

em equipa, do acompanhamento, da supervisão e da avaliação dos professores; etc (NÓVOA, 2013, p.1).

António Nóvoa analisa metodologicamente o que é necessário para uma formação profissional e continuada com base na prática como instrumento de pesquisa e produção do conhecimento. É na construção de novas práticas de ensino e no investimento na formação profissional continuada dos professores não somente nas universidades, mas em sua prática docente que teremos uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Cintia Benak. **Também com memes se ensina e se aprende história: uma proposta didático-histórica para o Ensino Fundamental II.** Rio de Janeiro: UERJ, 2020.

ALVES, Nilda G.. Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: Re

ALGEBAILLE, Eveline. **Escola Sem Partido: o que é, como age, para que serve.** In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.) **Escola “sem” Partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

ALMEIDA, Wallace Carriço de; OLIVEIRA, Rosemary dos Santos de; SANTOS, Edméa Oliveira dos. **A Discursividades dos Memes – Mimentizando-se nas Redes Educativas.** *Periferia*, v. 11, n. 2, p. 57-89, maio/ago. 2019 ISSN:1984-9540

ALVES, Nilda (coord.). **Educação e supervisão: o trabalho coletivo na escola.** 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES, Nilda. Sobre novos e velhos artefatos curriculares – suas relações com docentes, discentes e muitos outros. In: FERRAÇO, C. E. (org.). **Currículo e educação básica: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires.** Rio de Janeiro: Rovel, 2001. p. 71-83.

ANDRADE, Alessandra Michelle Alvares. **Memos históricos: uma ferramenta didática nas aulas de História.** 2018. 128f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - Profhistória) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

AQUINO, Israel. **Pesquisa e ensino de História na internet: limites e possibilidades.** *Aedos*, v. 4, n.11, set. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/30925>. Acesso em: 18 mar. 2020.

ARDOINO, J. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. (org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação.** São Carlos: EdUFS Car, 1998. p. 24-41.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves. **Uma escola multirreferencial: a difícil arte de se autorizar, o pensamento plural de Jacques Ardoino e a educação.** In: MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim Gonçalves; BORBA, Sérgio (Orgs.). **Jacques Ardoino e a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BORSARI, Pietro; KREIN, José Dari. **Pandemia e desemprego: análise e perspectivas.** São Paulo: Unicamp, 2020. Disponível em: <https://www.economia.unicamp.br/covid19/pandemia-e-desemprego-analise-e-perspectivas/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

BLACKMORE, Susan. **A evolução das máquinas de memes.** In: International Congress on Ontopsychology and Memetics, Milão, 2002. Disponível em:

<http://www.susanblackmore.co.uk/Conferences/OntopsychPort.html>. Acesso em: 03 maio 2012.

BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2000.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. **Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020**. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Diário Oficial da União, [Seção], p. X, 1 abr. 2020. BRASIL, 2020b.

BRASIL, **Ministério da Educação**. Secretaria da Educação Básica Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Ministério da Educação. Brasília. 2013.

BRASIL. **Ministério de Educação e Cultura**. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009. Cap. 2, 3, p. 193-350.

BORDENAVE, Juan E. **O que é participação**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BORSARI, Pietro; KREIN, José Dari. **Pandemia e desemprego: análise e perspectivas**. UNICAMP, 2020. Disponível em: <https://www.cesit.net.br/pandemia-e-desemprego-analise-e-perspectivas/#:~:text=A%20pesquisa%20j%C3%A1%20mostra%20indicadores,mesmo%20trimestre%20do%20ano%20anterior>. Acesso em: 23 ago. 2021.

CADENA, Sílvio. **Entre a História Pública e a História Escolar: as redes sociais e aprendizagem histórica**. In: Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia, 2017, Brasília. Anais... São Paulo: ANPUH-SP, 2017. p. 01-16.

CAIMI, F; NICOLA, B. **Os jovens, a aprendizagem histórica e os novos suporte de informação**, 2015. Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, RS, Brasil. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/download/34719/20035/>. Acesso em: 15 ago. 2020.

CASATTI, Denise. **Um guia para sobreviver à pandemia do ensino remoto**. Universidade de São Paulo - USP: São Paulo. 2020. Disponível em: <http://www.saocarlos.usp.br/um-guiapara-sobreviver-a-pandemia-do-ensino-remoto/> Acesso em: 28 maio 2020.

CHRISTENSEN, C.; HORN, M. & STAKER, H. **Ensino Híbrido: uma Inovação Disruptiva?** Uma introdução à teoria dos híbridos. Maio de 2013. Disponível em: (https://www.pucpr.br/wp-content/uploads/2017/10/ensino-hibrido_uma-inovacao-disruptiva.pdf). Acesso em: 12 nov. 2020.

CHEVALLARD, Y. **La transposición didáctica.** Del saber sabio al saber enseñado. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 1991.

DANTAS, Tiago. "Web 2.0". **Brasil Escola.** Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/informatica/web-20.htm> . Acesso em: 20 out. 2022.

DOSSE, François. **História do tempo presente e historiografia.** Tempo e Argumento, Florianópolis ,v. 4, n. 1, p. 5-23, jan.-jun. 2012. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/issue/view/253>. Acesso em 20 ago. 2021.
Educacional. Disponível em: Acesso em 05.mar. 2020.

FEIJOLE, Ana Carla Araújo; FREITAS, Renata Rodrigues de. **"Conhecimentossignificações" nas redes no ano de 2020.** Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.seminarioredes.com.br/#>. Acesso em: 23 ago. 2022.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados.** 7 ed. São Paulo: Papirus, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação.** São Paulo: Paz e Terra, 2011 (15-23; 139-167).

GABRIEL, Marta. **Uma Brevíssima história do meme.** Janeiro, 2012. Disponível em: <https://www.martha.com.br/uma-brevissima-historia-do-meme/>. Rio de Janeiro, 2012. Acesso em: xx ago. 2022.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação.** In: São Paulo em Perspectiva, São Paulo,v. 14,n. 2,pp. 03-11,Junho/2000.

GOMES, M. H. B. . XIII ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-MA Democracia, Educação e História: desafios do tempo presente. 2022.

ISIDORIO, Alisson Roberto; FERNANDES, Ana Paula Campos; MOREIRA, Edney Ferreira. **ENSINO REMOTO EM MEIO À PANDEMIA DO COVID-19: PANORAMA DO USO DE TECNOLOGIAS.** Congresso Internacional de Educação e Tecnologias. São Paulo, UFSCAR, 2020. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1757>. Acesso em: 21 out. 2022.

HARTOG, François. **"Regimes de Historicidade.** Presentismo e Experiências do Tempo". Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

HENRIQUES, Sandra Maria Garcia. **A ideologia em weblogs: Uma análise dos memes como formas simbólicas**. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2007. Santos. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: https://www.uern.br/controladepaginas/faticpublicacoes/arquivos/0288anais_i_encontro_de_saberes_hista%E2%80%99Cricos.pdf Acesso em 29 out. 2020.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória** – Arquitetura, Monumentos, Mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC Rio, 2006.

LAMARÃO, Luiza Quarti. **O USO DE MEMES NAS AULAS DE HISTÓRIA**. DOI: 10.12957/periferia.2019.36442 Periferia, v. 11, n. 1, p. 179-192, jan./abr. 2019.

LE MOS, André. **“A crítica da crítica essencialista da cibercultura”**. In: OLIVEIRA, Lídia; BALDI, Vania (org.). A insustentável leveza da web: retóricas, dissonâncias e práticas na sociedade em rede. Salvador: EdUFBA, 2014, p. 41-76.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4.ed. Campinas: Unicamp, 1996.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 2005. apud LUCKESI.

LUCCHESI, Anita. **Digital history e storiografia digitale**: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011). Dissertação de Mestrado (História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2014.

COSTA, Marcela Albaine da; LUCCHESI, Anita. **Historiografia escolar digital: dúvidas, possibilidades e experimentação**. In: MAYNARD, Dilton Cândido Santos; SOUZA, Josefa Eliana. (Org.). História, Sociedade, Pensamento Educacional: experiências e perspectivas. 1ed. Rio de Janeiro: Autografia Edição e Comunicação, 2016, v. 1, p. 336-366.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de Currículo Formação em Ato? Para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação**. Ilhéus: Editus, 2011.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio**: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. 1ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2020. (pp.21-74)

MEYER, M. **Questões de retórica. Linguagem, razão e sedução**. Lisboa: Edições 70, 1998.

MIRANDA, Sonia Regina; LUCA, Tania Regina de. O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 24, n. 48, p. 123- 144, 2004.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. **Professores**: entre saberes e práticas. Educ. Soc. [online]. 2001, vol.22, n.74, pp.121-142. ISSN 1678-4626.

MONTEIRO, A. M. F. C.; PENNA, F. de A. **Ensino de História: saberes em lugar de fronteira.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 191-211, jan./abr. 2011.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política.** Trad. Claudio Marcondes, S. Paulo, Ubu Editora, 2018.

Museu Virtual de Memes, UFF. Disponível em: <https://museudememes.com.br/>. Acesso em: 12 jun. 2019.

NORA, Pierre. **Entre memória e história.** A problemática dos lugares, 1984. Tradução: Yara Aun Khoury. In: Projeto História. São Paulo: Educ, nº 10, dez, 1993.

NÓVOA, António. “Para uma formação de professores construída por dentro da profissão” em **Revista de Educación**, n. 350, 2009.

LICINIO SANTOS, L. ENTREVISTA COM O PROFESSOR ANTÓNIO NÓVOA. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 4, n. 1, 2013. DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv.v4i1.436. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoem perspectiva/article/view/6637>. Acesso em: 16 jul. 2022.

PIMENTEL, Mariano. MEME, EDUCAÇÃO E INTERATIVIDADE: ENTREVISTA COM MARCO SILVA. **REVISTA PERIFERIA**, V. 11, N. 1, JAN./ABR. 2019 - Memes e Educação: práticas educativas em rede. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/issue/view/1770>. Acesso em: 03 ago 2021

OLIVEIRA, Kaio Eduardo de Jesus; ALVES, André Luis; PORTO, Cristiane de Magalhães. **Memes de redes sociais digitais enquanto objetos de aprendizagem na Cibercultura: da viralização à educação.** <http://periodicos.uem.br/ojs/acta> ISSN on-line: 2178-5201 Doi: 10.4025/actascieduc. v41i1.42469.

PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética.** Tradução: Álvaro Cabral. 3ª ed. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

_____. Seis estudos de Piaget. Tradução: Maria Alice Magalhães D’Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 25ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

MARIANO, Pimentel. **Meme, educação e interatividade: entrevista com Marco Silva.** PERIFERIA (DUQUE DE CAXIAS), v. 11, p. 231-239, 2019.

OLIVEIRA, N. A. S. de. História e Internet: conexões possíveis. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 23 - 53, 2014. DOI: 10.5965/2175180306122014023. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180306122014023>. Acesso em: 24 ago. 2022.

RICOEUR, Paul. **A memória.** A história. O esquecimento. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. (La mémoire, l’Histoire, l’Oubli. Paris: Seuil, 2000.)

RICOEUR, Paul. "**Entre mémoire et histoire**". In Projet. Paris: número 248, p.11, 1996.

ROCHA, Helenice Ap.; CAIMI, Flavia Eloisa. A(s) história(s) contada(s) no livro didático hoje: entre o nacional e o mundial. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 34, n. 68, p. 125-147, Dec. 2014.

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte; SANTOS, Rosemary dos. Ambiências híbridas-formativas na educação online: desafios e potencialidades em tempos de cibercultura. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2018.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH São Paulo, julho 2011 14.

SANTOS, Edméa. **Educação online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente**. Tese de Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2005.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI. 2019.

SANTOS, Rosemary; RIBEIRO, Mayra R.F., CARVALHO, Felipe S.P. **Educação Online: aprenderensinar em rede**. In: SANTOS, Edméa O.; SAMPAIO, Fábio F.; PIMENTEL, Mariano (Org.). **Informática na Educação: fundamentos e práticas**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. (Série Informática na Educação CEIE-SBC, v.1) Disponível em: <https://educacao.ceie-br.org/educacaoonline>. Acesso em: 04 ago. 2022.

SHIFMAN, L. **Memes in a Digital Culture**. Cambridge – EUA, MIT Press: 2014

SHIFMAN, L. **Memes in a Digital World: Reconciling with a Conceptual Troublemaker**. Journal of Computer Mediated Communication. P. 362-377. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jcc4.12013>>. Acesso em: 04 agosto 2021.

SHULMAN, L. **Knowledge and teaching: foundations of the new reform**. Harvard Educational Review, v. 57, n. 1, p. 1-21, Feb. 1987.

SOUZA, Paula Renata. **ESCOLA SEM PARTIDO OU ESCOLA PARTIDA?** TARDIF, M.; LESSARD, C. O Trabalho docente – Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

UNESCO. **O perfil dos professores brasileiros**: o que fazem o que pensam o que almejam. São Paulo: Moderna, 2004.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998.